



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FERNANDA OLIVEIRA SOUSA

**PROCESSOS DE ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E OS
DESAFIOS DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE SABERES E FAZERES
PROFISSIONAIS**

PICOS - PI
2016

FERNANDA OLIVEIRA SOUSA

**PROCESSOS DE ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E OS
DESAFIOS DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE SABERES E FAZERES
PROFISSIONAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S725p Sousa, Fernanda Oliveira.

Processos de atuação do coordenador pedagógico e os desafios da escola: relação entre saberes e fazeres profissionais / Fernanda Oliveira Sousa. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (75 f.)

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo

1. Coordenação Pedagógica. 2. Educação Básica. 3. Práticas Escolares. I. Título.

CDD 371.2

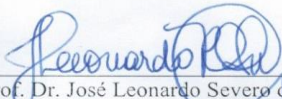
FERNANDA OLIVEIRA SOUSA

PROCESSOS DE ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E OS
DESAFIOS DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE SABERES E FAZERES
PROFISSIONAIS

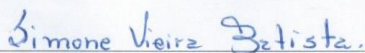
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Monografia defendida e aprovada: 22 / 02 / 2016


Banca examinadora



Prof. Dr. José Leonardo Severo de Lima Rolim
Orientador - UFPI



Prof.ª. Me. Simone Batista Vieira
Examinadora - UFPI



Prof.ª. Me. Maria da Conceição Rodrigues Martins
Examinadora - UFPI

À minha mãe Joana (in memoriam), pelo
imenso amor, carinho e dedicação
demonstrado enquanto permaneceu presente.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Á Deus

Meu refúgio e fortaleza, socorro presente em minha vida.

Obrigada por inúmeras vezes ouvir minhas suplicas nos momentos difíceis e de tempestade.

Obrigada por se revelar cada vez mais presente em minha vida.

A minha mãe (in memoriam) que por ironia do destino não pode me acompanhar nessa trajetória, que sem sua presença se tornou mais árdua, não tem um só dia que eu não me lembre de você e de suas palavras calorosas sempre me colocando para cima. Obrigada pelo exemplo de uma grande mãe, humilde, honesta, religiosa, batalhadora e acima de tudo por ter se doado tanto a seu papel de mãe, que enquanto esteve presente o desempenhou com tanto carinho e dedicação para com seus filhos, netos e esposo.

A meu pai pelo exemplo de homem que sempre me mostrou a encarar a vida de pés no chão, por ensinar a saber retirar sempre o melhor de nós para conseguir algo na vida, que apesar das perdas que sofremos juntos soube refazer sua vida te amo meu pai.

As minhas riquezas (irmãos) meu alicerce Joseana, Janaina e Marcos a quem tanto amo e estimo obrigada por sempre estarem presente e nunca me deixar desanimar, por tantas ajudas, conselhos, esforços sem medidas na construção do meu sonho.

Ao Prof. Dr. Leonardo Severo, pelas orientações, por todo empenho, competência, sabedoria e conhecimentos que pude adquirir ao seu lado.

Obrigada pela paciência e compreensão que necessitei no decorrer da pesquisa, por ter contribuído intensamente na construção da mesma, a qual representa grande importância para minha vida profissional e pessoal.

A todos os professores do curso de Pedagogia que contribuíram para o meu aprendizado. Meu muito obrigada pelo conhecimento compartilhado.

A meus sobrinhos (galáxias) pela inspiração, pelos carinhos sem medidas, onde a cada abraço, a cada beijo a cada chamado (tia nananda) tinha a plena certeza que estava no caminho certo,

ao ver o brilho no olhar de cada um, que mesmo sem saberem era a minha maior alegria e vontade de seguir sempre em frente.

Aos meus cunhados Amanda, Damiao e Eduardo, por estarem presente e por tantas as ajudas sempre que as precisei.

As minhas tias queridas Teresa, Eva, Luzia, Isabel e Ana pela atenção e ajuda que sempre se dispuseram sem medir esforços.

A minha equipe de sala e para sempre amigos (QUEERS) Tarciana, Daniela, Lucas, Talita e Crisleine por cada momento vivenciado no espaço acadêmico e fora dele, onde os laços construídos foram de fundamentação importância para chegarmos até o fim.

As coordenadoras pedagógicas pela vontade que demonstraram em participar da pesquisa pela atenção e colaboração.

A família Val instituto de beleza pela colaboração e compreensão na trajetória do curso, pelas inúmeras vezes que precisei me ausentar.

A Ykaro Richard por se fazer presente na minha trajetória acadêmica, onde sempre que precisei estava lá.

As tantas outras pessoas não citadas colegas, amigos e parentes que torceram e me ajudaram para que tudo desse certo.

MEU MUITO OBRIGADA!

De tudo na vida ficaram três coisas:

A certeza de estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidas antes
de terminar....

Portanto, devemos:

Fazer da interrupção um novo caminho

Da queda um passo de dança...

Do medo uma escada...

Do sonho...

Uma ponte...

Fernando Pessoa

LISTA DE SIGLAS

CP	Coordenador Pedagógico
EPT	Conferência Mundial de Educação para Todos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PABAAE	Plano de Assistência Brasileiro-Americana do Ensino Elementar
PCN	Plano Curricular Nacional
PI	Piauí
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PPP	Plano Político Pedagógico
SEME	Secretaria Municipal de Educação
HTPC	Horário de Trabalho Coletivo Pedagógico
UFPI	Universidade Federal do Piauí
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE

RESUMO

A formação do pedagogo como coordenador vem sendo tema de grande relevância no processo de busca pela qualidade nas escolas de educação básica, uma vez que a função do coordenador corresponde ao perfil de um profissional que tenha habilidades formativas para desempenhar a respectiva função em um contexto marcado por inúmeros desafios. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi investigar a relação entre fazeres e saberes que constituem o perfil do coordenador pedagógico, considerando as demandas e desafios da educação básica e as competências necessárias às práticas pedagógicas de coordenação. Foi realizado um estudo de abordagem qualitativa e exploratória de campo a partir de dados coletados no município de Picos- PI, sendo aplicadas entrevistas semiestruturadas (gravadas e transcritas) a 15 coordenadoras, em 15 escolas da rede municipal, estadual e privada. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, sendo estabelecidas e discutidas seis categorias temáticas: palavras chaves que definem essa função do coordenador pedagógico, o cotidiano do coordenador pedagógico no espaço escolar, identificação com a função profissional e seu nível de satisfação pessoal, desafios encontrados no trabalho do coordenador pedagógico, formação inicial e continuada com base no desempenho da função de coordenador pedagógico e os principais saberes do coordenador pedagógico. Utilizamos como alicerce teórico as contribuições de Libâneo (2008), Domingues (2014), Pimenta (2000), Bardin (2010), Minayo (2012), Luck (2013), entre outros colaboradores. Pelos resultados da pesquisa, percebeu-se que, apesar dos empasses encontrados na profissão de coordenação pedagógica no que tange às suas atribuições, estas estão sempre buscando desenvolver projetos na escola e procurando aperfeiçoar-se como profissional, não limitando apenas as suas práticas embasadas na formação inicial.

Palavras-chave: Coordenação pedagógica; formação profissional; educação básica; práticas escolares.

ABSTRACT

The formation of the pedagogical coordinator has been a highly relevant topic in the search process for quality in basic education schools, since the function of the coordinator matches the profile of a professional who has training skills to perform their function in a context marked by numerous challenges. Thus, the aim of this study was to investigate the relationship between activities and knowledge that make up the profile of the pedagogical coordinator, considering the demands and challenges of basic education and skills to pedagogical coordination practices. We conducted a study with qualitative, explorative and empirical approach from data collected in the municipality of Picos- PI, being applied semi-structured interviews (recorded and transcribed) with 15 coordinators in 15 municipal schools, public and private. The data were subjected to content analysis, being established and discussed six thematic categories: key words that define the function of the pedagogical coordinator, everyday of pedagogical coordinator at school, identification with the job function and level of personal satisfaction, challenges encountered the work of the pedagogical coordinator, initial and continuing education based on the performance of the pedagogical coordinator role and the main knowledge of the pedagogical coordinator. We used as theoretical foundation contributions of Libâneo (2008), Domingues (2014), Pimenta (2000), Bardin (2010), Minayo (2012), Luck (2013), among other contributors. By the results of the research, was noted that despite the empasses found in the profession of pedagogical coordination in relation to their duties, they are always seeking to develop projects in school and looking to improve himself as a professional, not just limiting their informed practices in Initial formation.

Keywords: Pedagogical Coordination; professional qualification; basic education; school practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	14
O CONTEXTO HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA	14
1.1 Crítica curricular à formação do pedagogo	15
1.2 Demandas da educação básica: desafios à coordenação pedagógica	16
CAPÍTULO 2	20
A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR	20
2.1 Breve histórico da coordenação pedagógica no brasil.....	21
2.2 Competências profissionais do coordenador	23
2.3 Ações estratégicas de coordenação	25
CAPÍTULO 3	29
ESTUDO DE CAMPO E ANÁLISE EMPÍRICA	29
3.1. Fundamentos e caracterização metodológica	29
3.2 Contexto e sujeitos da pesquisa	31
3.3 Estratégia e instrumento de coleta de dados	35
3.4 Método de análise dos dados	36
3.5 Análise e discussão dos dados	37
3.5.1 Coordenação pedagógica: palavras-chave que definem essa função	37
3.5.2 O cotidiano do coordenador pedagógico no espaço escolar	41
3.5.3 Identificação com a função profissional e seu nível de satisfação pessoal.....	45
3.5.4 Desafios encontrados no trabalho de coordenador pedagógico	49
3.5.5 A formação inicial e continuada como base no desempenho da função do coordenador pedagógico	54
3.5.6 Principais saberes do coordenador pedagógico	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE	72

INTRODUÇÃO

A formação do pedagogo como coordenador vem sendo tema de grande relevância no processo de busca pela qualidade nas escolas de educação básica, uma vez que a função do coordenador corresponde ao perfil de um profissional que tenha habilidades formativas para desempenhar a respectiva função em um contexto marcado por inúmeros desafios. Libâneo e Pimenta (1999) apontam o curso de Pedagogia como um campo amplo e revelam uma inquietação sobre as diversas definições que confrontam o currículo do curso em relação às finalidades que deve perseguir no embate entre formação de professores e formação de pedagogos:

O curso de pedagogia pode, pois, desdobrar-se em múltiplas especializações profissionais, uma delas a docência, mas seu objetivo específico não é somente a docência. Portanto o curso de Pedagogia não se reduz á formação de professores. Ou seja, todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. O professor está no pedagogo, o professor está no professor, mas cada profissional desses pede uma formação diferenciada (LIBANEO, 2011, p. 65).

Os saberes e fazeres do coordenador pedagógico na educação básica vem sendo tema de discussão em grandes embates que tratam do curso de pedagogia, das atribuições do pedagogo e do seu perfil como coordenador. A coordenação pedagógica é de grande importância para o bom desenvolvimento da escola, uma vez que nela encontra-se o caminho do aprender desenvolvido, executado mediante variadas funções por um conjunto de pessoas que constituem a mesma. Nesse contexto, o coordenador pedagógico é um ator de fundamental valor para a execução de uma tarefa sumamente relevante que é gerir coletivamente o espaço escolar. Para tanto, terá que dispor de habilidades e competências profissionais plurais para desenvolver suas atribuições, visto que observa-se uma série de lacunas que demonstram o despreparo de sujeitos que atuam na área de gestão pedagógica nas escolas.

Com formação no campo pedagógico, especialmente em cursos de Pedagogia, o coordenador terá como meta manter o espaço gerido, um ambiente que funcione de acordo com seus parâmetros, cabendo-lhe desenvolver um espaço harmonioso de formação de indivíduos e de atitudes em conjunto que garanta o bom funcionamento do local de aprendizagem.

Considerar a especificidade da formação do coordenador pedagógico no que se refere aos saberes e fazeres profissionais que precisam ser construídos inicial e continuamente, nos

leva a questionar como se configura o perfil dos coordenadores pedagógicos que atuam em diferentes escolas de educação básica em Picos – PI? Como se estabelece a relação entre saberes e fazeres profissionais postas em ação na prática pedagógica? Quais as características, finalidades e estratégias das ações que desenvolvem na escola?

Este trabalho busca, nesse sentido, investigar a relação entre fazeres e saberes que constituem o perfil do coordenador pedagógico, considerando as demandas e desafios da educação básica e as competências necessárias às práticas pedagógicas de coordenação. Para tanto, nos propusemos a conhecer os documentos oficiais dos órgãos competentes da educação brasileira que definem as funções e competências dos coordenadores pedagógicos do ensino básico; caracterizar a ação dos coordenadores pedagógicos das escolas selecionadas no município de Picos; mapear seus saberes e fazeres que constituam as práticas profissionais dos coordenadores para se discutir possibilidades de desenvolvimentos de ações competentes no campo de coordenação pedagógica.

Configurando-se como uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, o estudo será desenvolvido a partir de uma apropriação bibliográfica do tema, com base em trabalhos que se referam à identidade do coordenador, o seu saber, seu perfil, prática, seus fazeres associados ao processo formativo inicial e continuado. O delineamento da pesquisa empírica inclui a coleta de dados através da aplicação de um questionário composto por questões abertas e fechadas. A análise do material coletado será feita por meio de análise categorial e conteúdo (BARDIN, 2010) e estatística descritiva simples.

A averiguação dos indivíduos pesquisados bem como sua identidade, partiu no cursar da disciplina em fundamentos da gestão escolar, e conseqüentemente dos trabalhos desenvolvidos no espaço escolar, surgindo assim as inquietações a respeito do que era desenvolvido e aplicado no trabalho dos gestores escolares, principalmente os coordenadores pedagógicos, uma vez que a figura deste indivíduo antes vista por nós estudante como um sujeito que ajudava a diretora, e não como um indivíduo que ao mesmo é destinado tantas funções para um só cargo, onde o coordenador assim o desenvolve nos “quatro cantos da escola”.

Diante do tema abordado, este trabalho se encontra estruturado em três capítulos seguidos das considerações finais. No primeiro capítulo iremos tecer os caminhos percorridos pela coordenação pedagógica em caráter histórico, buscando assim evidenciar de forma sucinta as críticas curriculares estabelecidas, bem como os desafios enfrentados pelos coordenadores no espaço educacional.

No segundo capítulo foi retratada por meio de levantamento bibliográfico, a atuação do coordenador pedagógico no ambiente educacional, sendo trilhado o contexto histórico da coordenação-pedagógica no Brasil, assim como suas competências profissionais e suas ações estratégicas, estando também nesta seção, informações referentes à formação inicial e continuada desses profissionais, que são o foco do estudo.

No terceiro capítulo estão relatados os procedimentos e instrumentos utilizados em campo para a coleta e análise dos dados, logo, estão detalhados nesta parte: a caracterização metodológica, os sujeitos pesquisados, as estratégias e ferramentas empregadas na coleta, o método selecionado para análise e em seguida, os comentários e discussões dos dados obtidos durante o desenvolvimento desta monografia.

Ao final deste trabalho, foram estabelecidas em texto curto as considerações finais, estando traçado nessa parte alguns comentários e as principais conclusões obtidas no decorrer da pesquisa.

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA

Grandes embates no curso de Pedagogia tornaram-se frequentes em um período de posições críticas em relação ao seu lugar como licenciatura, dando-se ênfase no discurso sobre a docência como base de formação. Nesse cenário, iremos retomar os marcos regulatórios do referido curso, apontados por Silva (2003), com quatro períodos históricos que desvela o curso, marcado por movimentos educacionais em virtude de insatisfações e anseios, associados à identidade do pedagogo.

A trajetória da institucionalização do curso de pedagogia deu-se na Universidade do Brasil em 1939, por meio do Decreto Lei de n. 1.190, em decorrência da criação da Faculdade de Nacional de Filosofia. Nesse momento histórico o curso de pedagogia passa por inúmeras indagações em relação a sua identidade no espaço acadêmico, a formação do profissional no curso, como também a área de sua atuação (SEVERO, 2012).

O marco regulatório do curso de Pedagogia se iniciou no ano de 1939, estendendo-se pelos anos de 1962, 1969 e 2006, sendo este último ano o período de estabelecimento das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (BRASIL, 2006).

Como também na década de 1980, em meados aos movimentos educacionais ocorridos no período, foi promulgada a lei 9.394/96, sendo estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e mais tarde editais dirigidos às instituições de ensino superior, exigindo a reorganização dos cursos que formam professores incluindo o curso de Pedagogia, como também a reformulação de seus currículos, de maneira que ficasse plausível a formação dos profissionais licenciados. Assim, com a aprovação das DCN em 2006, foram apontadas em um dos seus 15 artigos, normas referentes ao curso de Pedagogia e dos sujeitos que a competem, tendo por finalidade:

[...] à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, Art. 2, 2006).

Nesse mesmo rol de pensamento e dos aspectos problemáticos da reorganização do curso de pedagogia por ocasião da implementação das DCN, Severo (2012, p. 7) assegura que:

[...] a fragmentação da profissionalização pedagógica e das práticas de atuação na escola, a redução da ideia de domínio pedagógico à instrumentalização técnica, a ambivalência de um currículo que contém, contraditoriamente, duas perspectivas interpostas: o generalismo e o tecnicismo, a desconsideração total do conceito de Pedagogia e o “inchaço” da população de egressos sem inserção na escola, influenciaram para a distorção que se tem hoje da função dos cursos de licenciatura, em específico do curso de pedagogia.

O autor deixa explícito em sua fala o quanto o currículo de pedagogia está permeado de contradições referentes à história do curso, relatando ainda que os egressos saem com uma concepção fragilizada das ações e práticas a serem desenvolvidas no seu campo de atuação como pedagogos.

É pertinente pensar na esteira do contexto histórico que perpassa o curso de Pedagogia, às diferentes dimensões que o curso elenca, onde são pontuados importantes acontecimentos em diferentes momentos que foram de suma relevância para a identidade e formulação do pedagogo, ainda que deixando brechas a serem preenchidas no concerne significativo e epistemológico da Pedagogia.

1.1 Crítica curricular à formação do pedagogo

Quando se pensa no currículo de formação do pedagogo, chega-se, em primeira instância, ao debate relativo a significação desse profissional, como também dos seus processos formativos que o permeiam. Segundo Franco (2011), é preciso todo um pensar na formação do pedagogo e na proposta de seu currículo de formação, quando fala que:

Refletir sobre um currículo de formação de pedagogos exige necessariamente a consideração dos pressupostos que fundamentam as raízes epistemológicas do corpo de conhecimento da pedagogia, buscando assim perspectivar caminhos mais sólidos à reconfiguração da nova e necessária profissionalidade pedagógica (FRANCO, 2011. p. 102).

Assim como foi abordado pela autora, o currículo de formação, precisa em sua essência está provido de bases firmes, para que assim a sua significação enquanto campo educacional, promova novas roupagens para o como pedagógico, como também seus profissionais.

Nessa mesma direção Grundy (1991), pontua:

O currículo tem sempre que possuir um interesse emancipatório, uma vez que deve ser uma prática sustentada pela reflexão como práxis; devendo o currículo ser visto menos como um plano a cumprir e mais como um processo que se constrói na interação entre o atuar e o refletir, dentro de uma dinâmica circular pautada por

avaliações contínuas e medida por uma espiral de pesquisa.(GRUNDY, 1991 apud FRANCO, 2011, p. 102).

Assim vislumbrando essa questão, é notório perceber que a proposta do currículo baseia-se em um plano curricular mais livre e dinâmico, onde o mesmo possa estar sofrendo constantes mudanças no campo em que atua, não estando preso a normas, mas a processos concretos e inovadores.

1.2 Demandas da educação básica: desafios à coordenação pedagógica

Para entendermos o contexto da educação básica no Brasil ao longo das décadas, em destaque para década de 1990, marcado por um período de avanço no âmbito educacional, para o ensino fundamental configuraram-se melhorias no concerne a diminuição do números de repetentes e das distorções de idades nas series. Como também foram novas propostas de gestão da educação, de financiamento, de programas de avaliação educacional, de políticas de formação de professores, dentre outras medidas, foram tomadas com o objetivo de melhorar a qualidade da educação. Nessa instancia é conveniente traçar um breve contexto histórico, como forma de entender melhor o desvelar das modificações ocorridas na educação durante o perpassar dos anos.

Ainda nessa discursão Thimoteo (2003) ressalta datas marcantes como na década de 30, considerada um período importante para a educação pública, em virtude do Manifesto dos Pioneiros da Educação. Desdobram-se nas décadas de 40,50 e 60 a educação pública, onde enfoca uma expressão nacional, estimulando também insatisfações sociais correspondentes à educação.

Elencando que nesse período a constituição de 1946, já deliberava o acesso do ensino a todos e dever do Estado. Frisado pela LDB (BRASIL, 2013) no art. 5º o acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o ministério público, acionar o poder público para exigi-lo, dada pela lei 12.796 de 2013.

A LDB (BRASIL, 2009) refere-se ainda do Art.22 a lei 12.020. Que tem por objetivo finalidades de desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Ainda sobre os objetivos traçados pela LDB (2009) para a educação básica, acrescenta-se também nesse recorte das leis, o Plano de Desenvolvimento da Educação Básica - PDE este lançado no dia 24 de Abril de 2007, tendo assim por objetivo melhorar a educação

básica no Brasil, a mesma segundo a sua organização promovidas pela Emenda Constitucional nº 59/2009:

• Art. 208. (...) I – Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (O disposto neste inciso I deverá ser implementado progressivamente, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União). VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da Educação Básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. • Art. 211. (...) § 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório. • Art. 212. (...) § 3º A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, no que se refere a universalização, garantia de padrão de qualidade e equidade, nos termos do plano nacional de educação. • Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas[...] (BRASIL, p.12).

No tocante aos planos de ações da educação, é considerável pensar que pouco se tem feito em relação a tantas metas e diretrizes compostas nesses documentos, onde estes são alvo de constantes críticas imbrincadas à sua prática ou melhor salientando a falta delas no espaço educacional desembocando-se nas escolas.

Dessa forma a educação básica como uma das modalidades de ensino, vem sendo questionada em relação aos diversos fatores econômicos, sociais e culturais, que estão enraizados no contexto das escolas e fora delas, associadas a uma completude de aspectos que de forma devastadora que está contagiando progressivamente o ensino e a aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

Com a promulgação da LDB, observou-se a ampliação da obrigatoriedade da educação básica, composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, e a maior responsabilização do Estado pela educação pública. Após mais de uma década da aprovação desta Lei, verifica-se a quase universalização deste nível de ensino. Enguita (1994) aponta que se devem considerar as modalidades do ensino da educação básica como um tema polissêmico, dinâmico e mobilizador de diferentes interesses, assim como se prevê nos PCN's.

Ao ter contato com a realidade do ensino base, se pensa logo no indivíduo que está naquele espaço para aprender e de como ele vai sair do mesmo, se realmente irá atender as necessidades básicas de ensino, para que este tenha as habilidades necessárias para dar

continuidade ao processo de aprendizagem, interligado também a outros fatores econômicos, sociais e culturais constituído em cada indivíduo.

Mediante a tantas reformas instituídas no sistema de ensino, ainda se tem pertinentes lacunas para serem preenchidas, onde só se institui planos e reformas, sendo perceptível a instância de falhas na aplicação dos planos, inerentes a vários fatores que vão desde a chegada desses planos nas redes de ensino, em conjunto da sua execução pela parte docente, interligados a aprendizagem dos alunos para que enfim se tenha o resultado final do produto no caso os alunos.

A relevância desse trabalho atribui-se a uma reflexão acerca do perfil do coordenador, por estar em destaque as atribuições do profissional que muitas das vezes a ocupação desse cargo é destinada á indivíduos que não dispõem de formação adequada para a função. De modo que para exercer a função de coordenador o indivíduo deverá está apto as funções gestoras além de ter um olhar mais aguçado sobre o seu campo de trabalho como aponta Lima e Santos (2007, p.79):

[...] muitos olhares são lançados sobre a identidade e função do coordenador pedagógico na escola, não raras vezes pelos próprios pares e comunidade intra e extra escolar caricaturizando-o em “modelos” distintos e cobrando-lhe a determinação do sucesso da vida escolar e encaminhamentos pertinentes às problemáticas que se sucedem no cotidiano.

Nessa perspectiva, nos diversos olhares lançados frente a função de coordenador pedagógico, são atribuídos a esses o sucesso e o insucesso escolar, vinculados as ações desenvolvidas pelo coordenador pedagógico , no tocante de suas tarefas no espaço escolar, e como elas são desencadeadas para o restante dos membros da comunidade gestora e não gestora desses espaços.

Contudo o coordenador pedagógico ao longo tempo vem ocupando um lugar de destaque no espaço escolar, onde o mesmo dá suporte tanto para a direção da escola, como para os outros espaços da estruturar escolar, tornando assim uma figura importante no desencadear das atividades da escolares, que assim como o professor, o coordenador pedagógico torna-se um mediador e auxiliador no campo educacional, mérito esse adquirido pelo desdobrar de funções que lhe são atribuídas, dando ênfase para a educação básica, onde a responsabilidade se trona maior por tratar de um público que precisa de maior atenção, não só do professor em sala aula, mas sim da construção de um PPP da escola que condiz com as condições reais da escola para com seu alunado e dos planos e metas a serem desempenados

pelo coordenador da escola, para assim chegar ao professor as instruções e contribuições da parte gestora da escola para o realizar das aulas.

Contudo o contexto da educação básica se encontra em grandes pautas de discursão os desafios encontrados nas escolas, para poder assegurar a sua clientela um ensino de qualidade, mas que a mesma depende de fatores superiores para poder chegar à base do problema. Dessa maneira é perceptível que uma das falhas encontradas no ensino básico está no fator econômico que desencadeia na desvalorização salarial do profissional, nas estruturas das escolas e as condições para dar aula, condições essas que começam do material didático em si até os aspectos estruturais do próprio espaço para receber seus alunos.

CAPÍTULO 2

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR

O coordenador pedagógico em sua essência, é um ator do espaço educacional aonde lhe são atribuídas diversas funções pedagógica e burocráticas nessas instituições, onde esses profissionais não definem ao certo o seu real papel a ser direcionado a estes.

Nessa mesma direção Bartman (1998, p.1) pontua que:

O coordenador não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem claro quem é seu grupo de professores e quais as suas necessidades. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Sabe elogiar, mas não tem coragem de criticar. Ou só crítica, e não instrumentaliza. Ou só cobra, mas não orienta.

Nota-se ainda na fala Fonseca (2001), tendo a prática e o olhar de docente como referência, o coordenador enfrenta o desafio de construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação. Sua contribuição para a melhoria da qualidade da escola e das condições de exercício profissional dos professores dependerá do sucesso alcançado nesta tarefa.

Nesse sentido a presença da Coordenação Pedagógica nas unidades escolares tem uma essencial importância no processo de ensino-aprendizagem. Todos os segmentos ali envolvidos devem caminhar no mesmo sentido, sendo um deles a construção do saber. Visto que os trabalhos realizados pelos Coordenadores Pedagógicos têm como objetivo articular, aprimorar e consolidar ações envolvendo os vários componentes neste processo. Como afirma Perrenoud (2006, p.69), acerca do trabalho escolar: “A sua principal razão de ser, em princípio, é a de favorecer ou a de consolidar aprendizagens”.

A responsabilidade formadora do Coordenador Pedagógico está pautada na formação continuada dos profissionais da Escola, devendo ainda estar aberta ao saber adquirido no dia-a-dia, que deve ser refletido e incorporado ao desenvolvimento pedagógico dos educadores. Segundo Gentili (2000), o processo de formação de profissionais que lidam com a Educação, “deverá abordar valores sociais a serem desenvolvidos, tais como autonomia, liberdade, respeito e solidariedade”.

A coordenação pedagógica é um processo em ação constante, de grande valia para a instituição de ensino, tendo em vista que a mesma possui um importante papel transformador de espaço permanente, de modo que contribui no processo de aprendizagem dos alunos com

base na formação continuada de professores na e para a escola, instituindo práticas colaborativas e de excelência, conforme frisa Luck (2013, p.30) ao informar que:

Uma participação que seja entendida como um processo dinâmico e interativo que vai muito além da tomada de decisão, uma vez que caracterizado pelo interapioio na convivência do cotidiano da gestão educacional, na busca por seus agentes da superação de suas dificuldades e limitações do enfrentamento de seus desafios, do bom cumprimento de sua finalidade social e do desenvolvimento de sua identidade social.

Para se ter um ambiente propício, vinculado à participação e coletividades no ambiente de trabalho, os indivíduos precisam estar abertos e integrados a novos meios organizacionais promovidos pela gestão escolar, como salienta Libâneo (2008, p.301):

A organização e a gestão são meios para atingir as finalidades do ensino. É preciso ter clareza de que o eixo instituição escolar é a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem que mediante procedimentos pedagógicos-didáticos, proporcionam melhores resultados de aprendizagem. São de pouca valia inovações como gestão democrática, eleições para diretor, introdução de modernos equipamentos e outros, se os alunos continuam apresentando baixo rendimento escolar e aprendizagens não consolidadas.

Partindo das funções do papel do coordenador e da estrutura organizacional da escola, é que se pode ver a complexidade de papéis e funções estabelecidas no ambiente de ensino. Desse modo faz-se necessário o papel do coordenador como formador, viabilizando uma contínua formação destes.

2.1 Breve histórico da coordenação pedagógica no Brasil

No percurso da coordenação pedagógica, esta ao longo dos tempos passou por várias modificações, cabendo salientar que é importante posicionar o contexto histórico, pois, analisando o passado, podemos refletir sobre o presente, expandindo nossa visão referente ao trabalho da coordenação pedagógica em um processo que envolve reflexões centradas na prática e sobre a observação desta.

Desse modo iremos focar o contexto da coordenação pedagógica a partir do século XX, analisado por Franco (1996) o qual nesse período se dá o surgimento dos profissionais da educação, isto é, o aparecimento dos “técnicos” em escolarização, constituindo-se como uma nova categoria profissional. Visto que bem antes disso já se tinha a presença de coordenadores pedagógicos no âmbito educacional, com funções e nomenclaturas diferentes, das adotadas hoje.

Ainda em aspectos históricos Leão (1953, p. 149) atribui ao conceito de coordenador, em aspectos cronológicos:

[...]se posiciona o papel primacial de pioneiro, de pesquisador, de guia do mestre, de verificador de programas, de experimentador de métodos, de orientador da obra educativa, de renovador, não se amolda nem se prevê dentro da função determinada pelo vocábulo inspetor, em seu conceito etimológico e clássico.

Já no início do século XX, a figura de inspetor começa a passar por mudanças, devido à precisão de competências no trabalho de formação de outros professores atuantes, de modo que a imagem de inspetor daquele período pode ser interpretada como a dos coordenadores de hoje, como aponta Fusari (1988, p. 52) ao lembrar que:

[...] dentro da conjuntura da época, [inspetores] exerciam e promoviam o aperfeiçoamento dos educadores em serviço por meio de conselhos aos jovens professores e também aos mais experientes, de aulas de demonstração, de orientação metodológica e sugestão de material colhido em outras, por eles inspecionados.

Nesse cenário, Pimenta (2002), assinala o reconhecimento da supervisão escolar no Brasil inicia-se formalmente com o Parecer nº 252/69, emitido pelo Conselho Federal de Educação (CFE) paralelamente à administração escolar e orientação educacional. A partir daí as escolas começaram a formar quantidades cada vez maiores de especialistas em educação que seriam absorvidos pelo mercado de trabalho.

Ainda se faz necessário ressaltar que partindo da Lei de Diretrizes e Bases (1996), no tocante das transformações ocorridas no campo da coordenação, Domingues (2014, p. 25) focaliza que:

A medida que as escolas foram sendo transformadas, novas formas de coordenação pedagógica iam surgindo, até a função a ser disseminada a todas as escolas da rede estadual de 1996, com a promulgação da Resolução SE n. 28/1996.[...] a função de coordenação pedagógica aparecia clara nas atribuições dos assistentes pedagógicos e dos orientadores educacionais até a criação do cargo de coordenador pedagógico no ano de 1985, onde houve uma fusão dos cargos de assistente pedagógico e orientador educacional.

A partir das mudanças ocorridas com o passar do tempo, foi-se construindo novas roupagens para o termo de coordenação pedagógica, vinculada a novos conceitos e atribuições na sua atuação, sendo a esta destinada e consolidado outro sentido a respeito da sua prática e atuação no cotidiano escolar. Rangel (2002, p. 74), ao afirmar que “[...] uma das mais relevantes atividades supervisoras das que mais a identifica e define, é a coordenação, ou seja, a organização comum do trabalho”.

Nos tempos atuais, a figura do coordenador pedagógico vem elencando um currículo transformador das suas funções antes atribuídas, vistas hoje não somente como um mero mediador das ações e planos desenvolvidos no ambiente de ensino, mas sim como um profissional que se define por várias habilidades desencadeadas no curso de licenciatura, tornando o seu papel como mais diversificado, acrescido também como um ator na área de uma contínua formação docente e não somente vinculado ao papel administrativo das instituições escolares.

2.2 Competências profissionais do coordenador

Compreende-se que o cargo de coordenador destina-se ao profissional que seja formado na área de educação, preferencialmente no curso de pedagogia, tendo assim noções de gestão, pesquisa, ensino e políticas educativas, visto que a função é composta por uma diversidade de competências distribuídas nos campos administrativo e pedagógico, de modo que o coordenador terá como meta manter o espaço escolar como um ambiente que funcione de acordo com o modelo organizacional adotado pela escola, cabendo-lhe desenvolver um espaço harmonioso para ampliar a qualidade das práticas pedagógicas. Contreras (2002, p. 85) afirma que é necessário o desenvolvimento da competência profissional:

[...] uma dimensão necessária para o desenvolvimento de um compromisso ético e social, porque proporciona os recursos que o tornam possível. Mas é ao mesmo tempo, consequência destes compromissos, postos que se alimenta das experiências nas quais se devem afrontar situações dilemáticas e conflitos em que estão em jogo o sentimento educativo, e as consequências da prática escolar.

A partir dos empasses encontrados no percurso escolar, dentre os quais a prática da coordenação pedagógica se encontra limitada por vários desafios de uma cultura organizacional, relacionadas ao despreparo de muitos profissionais, acrescentando também as condições de trabalho desfavoráveis, a desvalorização dos coordenadores e a falta de espírito participativo e colaborativo. Analisando esses aspectos Libâneo (2008, p. 106) faz uma reflexão sobre os fatores que influenciam o processo organizacional da escola, como:

[...] Ao conjunto de fatores sociais, culturais, psicológicos que influenciam os modos de agir da organização como um todo e do comportamento das pessoas em particular. No caso da escola, isso significa que para além daquelas diretrizes, normas, procedimentos operacionais, rotinas administrativas, há aspectos de natureza cultural que as diferenciam umas das outras, sendo que a maior parte deles não é claramente perceptível nem explícita.

O papel da escola e dos membros que a compõe, em meio a esse empilhar de fatores, determinará o desenvolver do ensino-aprendizagem do seu público, juntamente com a competência técnica e gestora dos mesmos, para que assim, mesmo com os impasses internos e externos encontrados na escola, esses profissionais consigam criar e recriar condições favoráveis para melhor desenvolver seu trabalho, como também possa construir novas possibilidades de ensino e aprendizagem onde ambos ocupam o mesmo espaço, mas que necessitam de habilidades teórico-práticas para desenvolvê-las com êxito.

Conforme o conhecimento das normas organizacionais pertencentes à escola, juntamente com a existência de um clima de relações interpessoais significativas entre seus atores, é que se terá um melhor aparato no pensar e no agir do coordenador frente a participação e diálogo daqueles que compõem a instituição escolar, podendo estabelecer um ambiente colaborativo e construindo uma gestão pedagógica integradora.

A função de coordenar é de grande importância para o bom desenvolvimento da escola, uma vez que nela encontra-se o caminho do aprender desenvolvido e executado mediante variadas funções desempenhados pelo um conjunto de pessoas que a constituem.

O papel do coordenador envolve um processo complexo de mediação estratégica, no qual terá que dispor de habilidades e competências cognitivas, socioafetivas e aplicativas para desenvolver o cargo.

No campo das atribuições do coordenador pedagógico, o regimento das escolas públicas da Secretaria Municipal de Educação (SEME) de Picos do ano de 2014 trás uma série de atribuições específicas do coordenador pedagógico na condição de gestor do processo de desenvolvimento de aspectos que compõem o funcionamento pedagógico da escola.

Art.13 – A coordenação pedagógica escolar é exercida por um coordenador designado pela Secretaria Municipal da Educação.

Art.14 – São atribuições do coordenador:

- II- assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos e recursos didáticos mais adequados ao alcance dos objetivos curriculares;
- III- promover o desenvolvimento curricular, redefinindo conforme as necessidades, os métodos e matérias de ensino;
- IV- Participar da elaboração de calendário escolar;
- V- Avaliar o trabalho pedagógico sistematicamente, com vista á reorientação de sua dinâmica;
- VI- Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de formação e aperfeiçoamento;
- VII- Promover a capacitação docente da escola através de cursos e encontros pedagógicos;
- VII- Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem;
- IX- Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;

- X- Orientar os professores,,, sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;
- XI- Envolver a família no planejamento e desenvolvimento das ações da escola;
- XII- Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo;
- XIII- Oferecer apoio às instituições escolares, estimulando a vivência da prática democrática da escola (REGIMENTO INTERNO, 2014).

Pode-se perceber que o coordenador pedagógico é, de antemão, um medidor do saber, do saber fazer, do saber ser e do saber agir do professor e dos demais segmentos da comunidade escolar mediante todo o processo de ensinar e aprender, escolares constituindo como uma das principais peças-chave do processo de gestão do trabalho pedagógico.

2.3 Ações estratégicas de coordenação

O coordenador pedagógico, como mediador de processos no ambiente escolar juntamente com os demais atores da escola, participa da elaboração e responsabilização da divulgação e execução da Proposta Pedagógica da escola, articulando tais processos de forma participativa e cooperativa na organização e no apoio das ações pedagógicas. Na esteira dessas funções Ferreira (2003, p. 32) defini como sendo as principais atribuições:

[...] orientar, controlar, supervisionar, fiscalizar e inspecionar todo o processo educacional através de conferências, palestras visitas, acompanharem o desenvolvimento do currículo nos estabelecimentos, com objetivos de orientar pedagogicamente os professores mais jovens, buscando eficiência, introduzindo inovações, modernizando os métodos de ensino e promovendo um acompanhamento mais atento do currículo pleno nos estabelecimentos.

Consequente a essas atribuições, caberá ao coordenador pedagógico organizar as atividades educativas a serem desenvolvidas na escola, monitorando o desenvolvimento de finalidades e metas encontradas no Projeto Político-Pedagógico (PPP). Segundo Veiga(1996) “o projeto político pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas, onde o qual é vivenciado em todos os momentos, por todos envolvidos com o processo educativo da escola”.

Nesse sentido a coordenação pedagógica é determinante para o planejamento e execução das ações pedagógicas nas escolas. Nessa mesma direção Pires (2004, p. 182) destina como:

[...] primeira função do coordenador pedagógico é planejar e acompanhar a execução de todo o processos didático pedagógico da instituição, tarefa de importância primordial e de inegável responsabilidade e que encerra todas as

possibilidades como também os limites da atuação desse profissional. Quanto mais esse profissional se voltar para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação.

Considerando a atuação do coordenador, no ambiente educacional, podemos acrescentar que este, além da função de coordenar no âmbito do planejar e do executar, também está envolvido em diferentes aspectos que se adaptam na sua ação cotidiana, e até nas relações interpessoais essenciais à convivência humana no cotidiano do universo escolar, vale lembrar que ao coordenador se elege ainda a figura de mediador da escola, considerado esse espaço de construção de cultura e de relações humanas, envolvendo em sua prática não só as funções citadas pela a autora a cima, mas a outros valores como compromisso, coletividade, afetividade, respeito e espírito colaborativo.

Portanto, o caminho a ser trilhado até o espaço escolar requer responsabilidades e compromissos, pois planejar a ação pedagógica reflete em uma função primordial que requer do coordenador pedagógico uma transição plena no seu espaço de trabalho e além dele, atuando como articulador, formador e transformador das práticas escolares.

2.4 Formação inicial e continuada do coordenador

Para falamos nos aspectos formativos dos coordenadores pedagógicos, relacionados a sua formação inicial e continuada é importante tecemos em primeira instancia o significado de formação, nos estudos de Ibiapina (2007, p 130), ela conceitua formação como:

Um processo sistematizado a partir da compreensão que esse processo é fenômeno complexo e diverso[...] envolvendo também como atributos essenciais tanto a dimensão pessoal quanto a profissional do desenvolvimento humano, assim como a capacidade e a vontade do individuo em ser formador, ou seja, o individuo é o responsável pela ativação e pelo desenvolvimento do seu processo formativo.

A LDB de 2008 no art. 39 pela Lei nº 11.741 está designada a educação ou qualificação profissional para formação inicial e continuada no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

A partir das constantes reformas educacionais ocorridas no Brasil, surge ao longo do tempo no contexto escolar, a figura de um profissional com habilidades gestoras na parte administrativa da escola, como um mediador das ações pedagógicas dentro do espaço escolar, denominado no decorrer dos processos educacionais como supervisor escolar, pedagogo, orientador pedagógico, coordenador pedagógico, professor coordenador, etc.

Além de fazer parte das estratégias desempenhadas no espaço escolar, o papel de supervisor está também vinculado à função de formador de professores, formação essa alicerçada para a compreensão de uma prática pedagógica, sendo também atribuída a realidade social de cada espaço de aprendizagem como aponta Domingues (2014, p. 27):

A formação inicial do coordenador pedagógico seja um curso de pedagogia, visto que os conhecimentos advindos dessa formação dariam suporte teórico e prático para a ação desse profissional, pois subsidiado pelos estudos da teoria da educação, da didática, das metodologias específicas e das disciplinas relacionadas às ciências da educação, atrelados as experiências pessoais e profissionais vividas, comporiam uma rede de saberes e fazeres que daria suporte à prática de formador voltada para uma ação pedagógica crítica.

Com os desdobramentos das discussões em torno da formação inicial e continuada dos profissionais da educação tornou-se perceptível o quanto a licenciatura em Pedagogia é de tamanha complexidade, pois dá suporte ao pedagogo, na condição de coordenador pedagógico, desenvolver o processo constante de formação de professores em parceria com o próprio local de trabalho.

Libâneo (2003) acrescenta que as dificuldades da formação do professor, do gestor, do coordenador pedagógico e do especialista, expressando que é impossível a formação de um profissional com perfil tão múltiplo num único curso de Pedagogia, o qual poderá implicar em um currículo cheio de horas, cheio de brechas e imperfeições. Essa disparidade na formação do pedagogo leva o próprio sistema educacional a enxergar o quanto se é preciso uma formação continuada dos profissionais que atuam na coordenação pedagógica, para que seja desenvolvida com êxito as ações planejadas dentro das escolas.

A responsabilidade formadora do Coordenador Pedagógico está pautada na formação continuada dos profissionais da Escola, devendo ainda estar aberta ao saber adquirido no dia-a-dia, que deve ser refletido e incorporado ao desenvolvimento pedagógico dos educadores. Segundo Gentili (2000), o processo de formação de profissionais, que lidam com a Educação, “deverá abordar valores sociais a serem desenvolvidos, tais como autonomia, liberdade, respeito e solidariedade”.

Ainda a respeito do processo formativo dos profissionais da educação Geglio (2005, p.116), pontua que:

Ele exerce o papel de articulador do processo de ensino-aprendizagem da escola, incluindo a formação continuada docente. Sua atuação se reflete na cumplicidade dos professores na relação entre pares na troca de conhecimentos. Para os coordenadores pedagógicos a formação continuada docente é relevante uma vez que reverte num crescimento significativo na aprendizagem do aluno.

É importante pensar nos efeitos que a formação continuada trás para a escola e principalmente para a sala de aula, causando uma reciprocidade de ações e método proporcionado pela aprendizagem continua dos educadores. Na mesma lógica Pimenta e Anastasiou (2005) também consideram que a formação, seja inicial ou continuada, precisa ser compreendida como um processo inicial na constituição da identidade profissional.

Contudo Bruno e Abreu (2007, p.105) acrescentam que é nessa esteira que concebemos as possibilidades de contribuição do coordenador pedagógico como profissional que na unidade escolar responde fundamentalmente pelo processo de formação continuada dos educadores e pelo projeto de construção da relação entre teoria e prática onde ambos são construídos e desenvolvidas em conjunto com um só objetivo de ampliar o conhecimento e conseqüentemente repassa-lo.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DE CAMPO E ANÁLISE EMPÍRICA

3.1. Fundamentos e caracterização metodológica

Nessa sessão, buscamos mostrar os passos percorridos no processo de elaboração de um projeto de pesquisa, através de um breve roteiro, contemplando os trajetos citados, embasados de autores que abordaram e conceituaram as formas e métodos de classificação discutidos em cada etapa deste trabalho.

A pesquisa por ser um campo amplo, no qual os pesquisadores têm uma grande margem de opção acerca do que querem pesquisar e onde querem pesquisar, visam assim vários espaços, sujeitos e situações para a elaboração de seus estudos, mostrando que o caminho a ser trilhado dependerá do seu investigador bem como da sua identificação e disponibilidade para com o tema que se dispunha investigar. A respeito disso Woods (1996, p.69) faz o seguinte comentário:

O conteúdo da investigação é desta forma, identificado parcialmente pelos interesses e valores pessoais do investigador, assim como o são um número de escolhas dentro do estudo, como as áreas em o investigador se vai concentrar, quem vai visitar e com quem falar, o que vai ver e no que vai reparar.

Tal abordagem investigativa também está vinculada a uma pesquisa qualitativa, de modo que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Assim, o método investigativo qualitativo citado pelos autores, nos mostra a proximidade do investigador/investigado como meio de se estar apropriando do ambiente da pesquisa e de ali propor a vivência do investigado e das subjetividades que aquele campo dispõe.

Ainda referindo-se sobre a pesquisa qualitativa, esta se trata de uma investigação que está ligada diretamente com os protagonistas estudados, bem como de todo um aparato cultural e espacial que os cercam, Minayo (1994, p.21) por sua vez, acrescenta que o método citado:

Trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Seguindo o contexto dos meios utilizados na abordagem metodológica do referido estudo, a mesma classifica-se como de natureza exploratória, de forma que para Minayo (1994, p. 26), esta consiste:

Na produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para a entrada em campo. É o tempo dedicado - e que merece empenho e investimento - a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a escolher e a descrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra qualitativa.

Após a elaboração de um projeto de pesquisa segue-se a mesma para a próxima etapa que consiste em pôr em prática o que foi planejado no trabalho, direcionando-se para campo, no intuito de coletar de dados.

Dessa forma escolhemos a pesquisa qualitativa de caráter exploratória por compreender que este delineamento nos aproxima dos objetivos ansiados para o nosso estudo, requisitando uma maior familiaridade ao tema analisado, para que assim possa se tornar mais clara a construção e fundamentação das supostas questões a serem analisadas.

Nessa perspectiva, se vislumbra a interpretação dos sujeitos envolvidos porque se tem como um dos pressupostos do trabalho a investigação das funções, da rotina, da identificação da ação desenvolvida, dos desafios, sua formação inicial e continuada, seus saberes pedagógicos e como estes são desenvolvidos em suas ações diárias. Por conseguinte, analisamos este um processo importante na averiguação da identidade dos sujeitos pesquisados como assegura (ALMEIDA, 2003).

Mediante os percursos traçados na presente pesquisa, entendemos que tão importante quanto o produto final decorrente da investigação, é a explicitação do percurso em que se desenvolve o trabalho investigativo, considerando que na explicitação do processo também se constrói a compreensão da pesquisa, que só foi concretizada porque as opções metodológicas assim a permitiram. Foram elas que dirigiram o processo e que permitiram refazer o caminho quando assim se fez necessário. Foi através delas que, ao longo dos lugares investigados, encontramos elementos norteadores e concretos para desenvolver a pesquisa. Duarte (2002, p.140) explica que:

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar a realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Embasados nos referentes métodos, a investigação desse trabalho se deu a partir da realização na ordem cronológica dos passos da pesquisa, na estratégia de estar pisando em campo firme, sendo registrado na coleta dos dados as ações desenvolvidas no dia-a-dia dos sujeitos pesquisados (coordenadores), seus desafios, sua satisfação, seus saberes e fazeres, bem como sua formação inicial e continuada para o desempenhar dessa função e como se organizava seu trabalho, juntamente com os demais gestores, partilhados dos seguimentos burocráticos encontrados em cada espaço investigado (escolas).

3.2 Contexto e sujeitos da pesquisa

Apresentamos os elementos que contextualizaram a pesquisa, bem como seus sujeitos, sua quantidade, o local, a descrição dos envolvidos, juntamente ao sistema de ensino tipo de instituição em que estão inseridos.

A referida pesquisa foi desenvolvida em 15 escolas no Município da cidade de Picos-PI, conhecida como a capital do mel, que é composta segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010) do censo de 2010 por 76.042 mil habitantes. Optamos por selecionar escolas urbanas e rurais dos sistemas municipal, estadual e privado.

Na rede municipal foram visitadas 7 escolas, localizadas em bairros diferenciados, 1 no centro da cidade, 5 na periferia e 1 na zona rural, na rede estadual foram frequentadas 5 unidades, sendo 2 no centro da cidade e as outras 3 escolas nos bairros mais distantes do centro, já nos colégios privados foram visitados 1 no centro e as outras 2 em outro bairro.

Em relação a quantidade de alunos, obtemos esse dado na parte documental da escola, após as entrevistas, onde perguntamos as coordenadoras se seria possível nos fornecer essa informação, para ser registrado com os dados da escola. Sendo que na rede municipal foram totalizados 1.311 alunos nas escolas visitadas, como mostra a tabela, na rede estadual foram somados 1.790 e por fim nos colégios particulares visitados somamos 1.849 alunos. Conforme pode ser observado os dados no quadro 1.

Quadro 1 – Informações sobre as escolas visitadas para coleta e dados

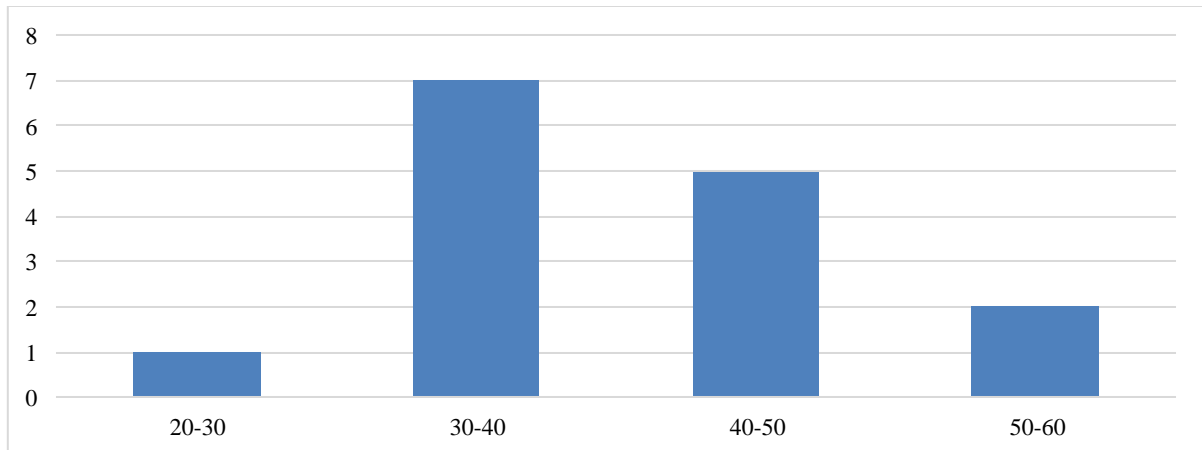
Nome da escola	Tipo	Localização	Quantidade de alunos
Duque de Caxias	Municipal	Bairro Aerolândia	120
Frei Damião	Municipal	Bairro Canto da Várzea	189
Padre Madeira	Municipal	Bairro Centro	278
Elpídio Monteiro Gonçalves	Municipal	Bairro Passagem das Pedras	100
Timóteo Borges de Aguiar	Municipal	Bairro Boa Vista	250
Nossa Senhora dos Remédios	Municipal (Rural)	Povoado Torrões	230
Antônio Marques	Municipal	Bairro Aroeiras do Matadouro	144
Landri Sales	Estadual	Bairro Canto da Várzea	600
Coelho Rodrigues	Estadual	Bairro Canto da várzea	440
Miguel Lidiano	Estadual	Bairro Pedrinhas	275
Terezinha Nunes	Estadual	Bairro Centro	299
Ozildo Albano	Estadual	Bairro Centro	176
Santa Rita	Privada	Bairro Canto da Várzea	749
São Lucas	Privada	Bairro Canto da Várzea	600
Antares	Privada	Bairro Centro	500

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Por conseguinte, foram entrevistadas 15 coordenadoras caracterizadas por nome e numeração, elencando aqui as características pessoais, como idade (gráfico 1) e profissionais, tais como: formação (gráfico 2 e quadro 2), ano de profissão e tempo como coordenadora (gráfico 3), vínculo empregatício com a instituição e a rede de ensino que atuam.

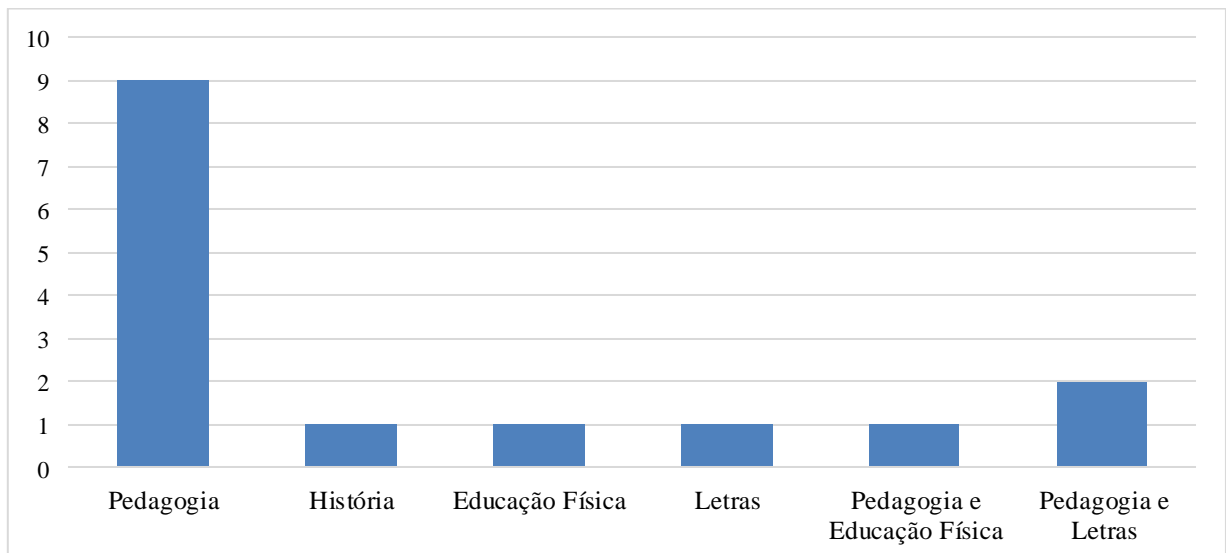
Nos gráficos 1 e 2, expomos por representação numérica a faixa etária das entrevistadas, como também a formação inicial, descrito acima, para assim obtermos uma melhor visualização da formação destas, de seus respectivos cursos, visto estes como um dos requisitos para a análise deste trabalho.

Gráfico 1. Faixa etária das coordenadoras envolvidas na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Gráfico 2. Graduação das coordenadoras envolvidas na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

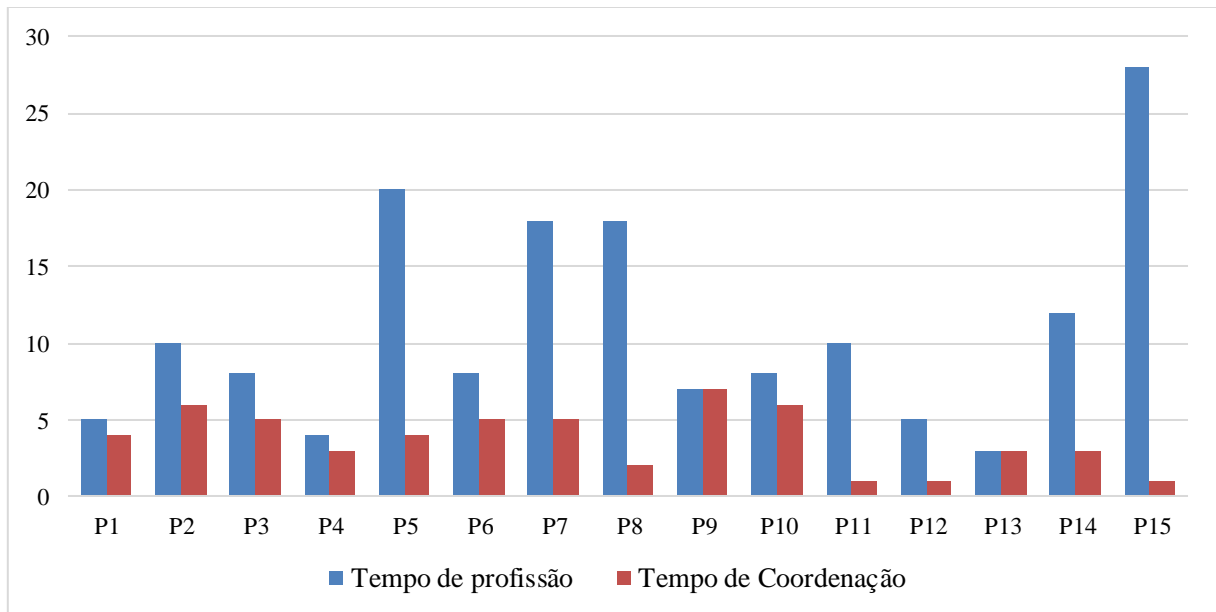
Já no quadro 2 e no gráfico 3, apontamos as especializações feitas pelas coordenadoras após a graduação, o seu tempo de atuação na área educacional, como também o tempo de atuação na coordenação pedagógica. Referente a formação continuada, 6 coordenadoras da rede municipal participaram e somente 1 relatou que nunca participou, na rede estadual 2

participaram de treinamentos e 3 ressaltaram nunca terem participado, nas escolas particulares 2 já participaram, de forma que só uma não participou, por estar a pouco tempo no cargo.

Quadro 2. Pós-graduações das coordenadoras envolvidas na pesquisa

Coordenadora	Especialização
CP1	Gestão e supervisão escolar
CP2	Educação física escolar
CP3	Ensino e gestão escolar
CP4	Gestão do ensino superior e Metodologia do ensino superior
CP5	Ensino
CP6	Relações étnicas raciais
CP7	Gestão e supervisão escolar
CP8	Docência do ensino superior
CP9	Ensino e supervisão
CP10	Educação contextualizada
CP11	Psicopedagogia e Gestão
CP12	Docência na escola em tempo integral
CP13	Docência do ensino superior
CP14	Psicopedagogia
CP15	Psicopedagogia

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Gráfico 3. Tempo (em anos) de serviço das coordenadoras envolvidas na pesquisa

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Em relação ao vínculo empregatício no município, 3 coordenadoras exercem cargo efetivo e 4 cargos temporários, no estado as 5 entrevistadas assumem cargo efetivo e nos colégios particulares das 3 entrevistas 2 assumem cargo efetivos e 1 cargo temporário.

Ressaltando ainda que as escolas descritas no seu ambiente estrutural, dispõem de sala de aulas climatizadas (em algumas), sala de professores (em algumas) da rede municipal, diretoria, biblioteca, laboratórios de informática, sala multifuncionais, banheiros normais, banheiros para portadores de necessidades especiais, cantina, pátio e quadra de esportes (em uma escola da rede privada e outra da rede estadual).

3.3 Estratégia e instrumento de coleta de dados

Em primeira instância fundamentamos os procedimentos de coleta em outros trabalhos, buscando assim referências para a construção das entrevistas, encaminhando às escolas visitadas, uma carta de apresentação para as futuras entrevistadas (coordenadores), de modo formal, demonstrando para as mesmas a seriedade deste trabalho acadêmico e assegurando-as quanto ao sigilo das informações, como também a preservação da sua identidade.

Para as entrevistas, utilizou-se um roteiro semiestruturado, caracterizado por Minayo (2012) como uma combinação de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a

possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagações aprofundadas. Partindo desses pressupostos foi que construímos o questionário, que nos permitiu a caracterização sócio-demográfica das participantes, contendo informações sobre a sua idade, sexo, o tipo de vínculo empregatício, sua formação profissional e se exercia outra profissão além de coordenador.

Assim, as questões foram elaboradas previamente e levadas no momento do encontro com os participantes, nos quais, antes de gravada as entrevistas, procurou-se ter uma conversa informal com as participantes, com o intuito de deixa-las mais a vontade, mantendo assim um clima favorável e descontraído à coleta.

As entrevistas foram gravadas e transcritas com o intuito de deixar mais livre a fala das coordenadoras pedagógicas, para que assim seus relatos fossem transmitidos de maneira clara e à vontade, sem que as mesmas se prendessem a simples escrita no papel, se deixando levar pela sua própria fala, detalhando subjetivamente as respostas a partir do que era perguntado. As entrevistas tiveram duração aproximada de 20 minutos cada e as participantes foram asseguradas quanto ao sigilo das informações e de suas identidades, sendo o conteúdo das entrevistas utilizado somente para fins acadêmicos, em especial, para a análise dos dados obtidos nesta pesquisa.

A partir daí, as informações coletadas foram organizadas e separadas para possibilitar uma análise mais detalhada das falas dos entrevistados. A modalidade de organização das informações teve como base teórica a sistematização de Minayo (1998) construídas com finalidade operacional, a partir do trabalho de campo, com a propriedade de conseguir apreender nas falas as especificidades que se expressam na realidade empírica dos sujeitos da pesquisa, e para tanto buscou não fragmentar o texto decorrente da transcrição de entrevistas, buscando apreender a subjetividade do participante da pesquisa.

3.4 Método de análise dos dados

Minayo (2012, p.82) faz uma contextualização histórica desse tipo de método, abordando que:

A análise de conteúdo surgiu no início do século XX, num cenário em que predominava o behaviorismo. Essa corrente psicológica influenciada por princípios do positivismo preconizava com um máximo de rigor e cientificidade, a descrição de comportamentos (vistos como resposta aos estímulos). A estratégia de análise de conteúdos que passou por varias formas de efetivação ao longo desse século, inicialmente era concebida a partir de uma perspectiva qualitativa [...].

Referindo-se ainda sobre a análise de conteúdos, Bardin (1979, p.42) ressalta que a mesma é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Visto que na análise dos dados é onde se encontra a parte mais importante da pesquisa, encontrando nela uma descrição precisa, relacionando os resultados encontrados com referências teóricas que estudam sobre o tema.

3.5 Análise e discussão dos dados

Neste tópico, iremos analisar os dados a partir da escuta ativa e das transcrições das respostas das participantes desta pesquisa em relação a sua função, seu cotidiano no espaço escolar, a identificação com a função, seus desafios, sua formação inicial e continuada bem como a contribuição das mesmas para o desempenho da função, a importância dos seus saberes e fazeres para a coordenação pedagógica, ligados a sua organização e ações com os demais membros do espaço escolar (professores, comunidade e gestores).

3.5.1 Coordenação pedagógica: palavras-chave que definem essa função

Nessa categoria iremos relatar por meio das falas das coordenadoras, as funções desempenhadas por esse profissional, relacionando as palavras-chave que definem essa função no ambiente escolar para as entrevistadas. Conforme depoimentos abaixo:

As palavras chaves que pra mim definem o coordenador pedagógico é de articulador, organizador, direcionador das ações pedagógicas. Articular no sentido de fazer com que todo o corpo docente trabalhe de maneira conjunta, que o trabalho não seja individual e nem distinto de um e outro professor, articular atividades para que elas aconteçam em conjunto, também essa organização de tudo que é feito na escola para que ninguém se perca no caminho, e essa direção não perder a visão da meta e do objetivo principal. No começo do ano a gente faz a semana pedagógica que estabelece metas, objetivos para aquele ano em vista da avaliação do diagnóstico dos anos anteriores do que a gente precisa melhorar e aí quando a gente define nesse turno precisa diminuir a evasão nesse turno, precisa melhorar o índice de aprovação aí então a gente vai durante todo o ano fazendo um trabalho pedagógico que direcione essas ações pra atingir esses objetivos promovendo atividades que atendam também a missão que a gente determina na semana

pedagógica sempre revisando o PPP e os valores que a escola adota, que no nosso caso ética, respeito, incentivo ao espírito empreendedor (CP2)

Compromisso, ou seja, você realmente está comprometido com o projeto da escola, articulação, saber articular com os demais entes envolvidos no processo tanto com a parte dos docentes, dos alunos e a direção, e criatividade porque nem sempre a escola disponibiliza de toda a estrutura e material que você precisa para desenvolver suas atividades, usar o que a escola tem, usar o potencial humano que a escola tem para desenvolver os projetos da escola. (CP3)

Nota-se na fala de CP2 que para ela as funções e ações pedagógicas devem ser desenvolvidas de maneira conjunta, frisando que tudo que se acontece na escola é organizado, planejado e desenvolvido por todas as pessoas daquele espaço (professores, gestores, alunos e colaboradores) como uma forma de estar atingindo metas, objetivos e valores traçados. Assim também CP3 têm seu enfoque nos projetos da escola, no saber articular, visando assim envolver todos que compõem o espaço educacional. Salienta, ainda, que como nem sempre dispõe de materiais para o desenvolvimento das atividades, faz uso do potencial humano (criatividade) para criar os projetos da escola, bem como os meios para pôr em ação.

Tais funções são refletidas por Libâneo (2002, p. 74) atribuindo-se que:

Coordenador pedagógico é um profissional imprescindível para assegurar nas escolas a integração e articulação do trabalho pedagógico-didático: a formulação e acompanhamento da execução do projeto pedagógico-curricular, a organização curricular, a orientação metodológica, a assistência pedagógico-didática aos professores na sala de aula numa relação interativa e compartilhada com os professores e alunos, colaboração nas práticas de reflexão e investigação, diagnóstico e atendimento das necessidades ligadas ao ensino e à aprendizagem dos alunos em conjunto com o professor, atividades de formação continuada, práticas de avaliação da aprendizagem. Para tantas, e imprescindíveis tarefas, faz-se necessário uma formação específica, é para isso que se propõe um curso de pedagogia ou estudos pedagógicos.

Acrescendo ao debate novos depoimentos de coordenadoras, ressaltando ainda várias atribuições como chave fundamental destinado a elas, transcrevemos os seguintes trechos:

[...] a interação, liderança, cooperação e humanização. Por mais que o profissional tenha conhecimento, se não tiver a dimensão humana desenvolvida, para haver essa preocupação com a dimensão humana não é possível fazer educação. (CP11)

Eu acredito que o que define mesmo é a parceria e a cooperação entre a coordenação e a equipe pedagógica da escola, porque se não houver essa parceria essa cooperação e até a confiança entre as duas partes, a coordenação não será bem-feita e o professor vai rejeitar o coordenador pedagógico. (CP7)

Eu acho que o coordenador pedagógico é um elo entre escola, pai, professor e aluno, o coordenador faz essa ligação de trabalho com todos, faz essa ligação com o grupo de uma forma geral, comunidade escolar e família. (CP15)

Gestão, por que hoje tem que ter a gestão participativa, que é uma grande dificuldade para trabalhar nas escolas; a dedicação, porque você tem que gostar de trabalhar com crianças, mesmo que difícil seja; a compreensão e o compromisso também, porque muita gente acha que ser coordenador é só dar uma passada na escola e não verdade não é, a gente vive para escola e se dedica no que faz, principalmente na parte dos projetos porque precisa de muito tempo, mais ainda fora da escola. (CP4)

E visível na fala delas o quanto enfatizam que para um melhor resultado do seu trabalho deve haver: o espírito de cooperação, do coletivo, de elo e da dimensão humana, entendido como uma chave mestra para um bom desempenho do trabalho pedagógico da escola, uma vez que este funciona como uma peça de ligação do coordenador com a comunidade escolar e também com os sujeitos externos (pais de alunos) e conseqüentemente do processo de educação dos sujeitos envolvidos no processo de educação (no caso os alunos).

Sobre esse assunto, Paro (2005, p.106) comenta que:

É preciso haver um grande esforço dos agentes escolares para que seja constituída uma estrutura organizacional facilitadora do trabalho de todos. Nesse sentido o comprometimento e a participação dos agentes escolares são dimensões imprescindíveis a uma escola que pretenda desenvolver um ensino de qualidade formador da integralidade humana.

Ainda referente à discussão as autoras Marafon e Machado (2005, p.49) enfatizando que toda equipe pedagógica de uma escola deve se organizar com “ações específicas de profissionais construindo um trabalho pedagógico, o qual exige o estudo constante das teorias educacionais, das práticas educativas, da realidade dos educandos de suas famílias e do contexto social marcado por várias transformações”.

Sublinha-se ainda a contribuição de Fossattin e Sarmiento (2013, p.61) reafirmando que a gestão escolar não funciona por si só, mas por todo um contexto de métodos e transformações educacionais que a regem:

A gestão envolve o planejamento, a organização e o trabalho com pessoas, bem como recursos concernentes, para que seja possível ao alcance dos objetivos institucionais. Para que isso se torne viável, é fundamental reconhecer que já não é possível, nem responde às demandas atuais, uma gestão educacional somente com base em experiências passadas e de forma indutiva.

Assim, tanto o coordenador como a parte gestora estão aparados de ações a serem desencadeados no espaço escolar, como também de todo um afimco histórico com as práticas educacionais e sociais que permeiam o ambiente de ensino.

E visível nas falas, que as coordenadoras interligam o seu trabalho com o trabalho dos professores, salientando que o planejamento, a orientação e a mediação agem de forma conjunta, assim como os métodos a serem utilizados por ambos:

É, eu acredito que seja planejar e orientar, já que esse trabalho envolve diretamente os professores na parte de planejamento, tem toda a parte de didática, toda a metodologia de como aplicar a melhor forma de conteúdo, então eu acho que planejamento está acima de tudo e seria a palavra chave que eu daria para a função de coordenador. (CP9)

O Coordenador pedagógico na escola nada mais é do que o mediador, o facilitador do trabalho pedagógico, é ele que acompanha toda a didática exercida pelo professor em sala de aula, e também como os alunos estão recebendo esse conhecimento, então... toda parte pedagógica cabe ao coordenador executar, planejar e desenvolver. (CP12)

Na minha opinião seria a percepção, orientação, troca de experiências e principalmente informação, no meu entendimento principalmente o coordenador ele tem que ter formação na área, acho que ele não vai ter rendimento nenhum, não vai dar em nada o trabalho do coordenador formado por exemplo em biologia ou em matemática... acho que não tem nada a ver. O coordenador pedagógico tem que ser formado na área. Aqui mesmo na nossa escola nós tivemos uma experiência em 2013, nós tínhamos a coordenadora pedagógica que não tinha nada a ver com coordenação pedagógica, ela era formada em uma área totalmente diferente, então nada funcionou e sentimos muita dificuldade. (CP8)

Pensando a coordenação nos direcionamentos abordados pelas coordenadoras P9 e P12, Libâneo (2004), ressalta que “o coordenador pedagógico é aquele que responde pela viabilização, integração e articulação do trabalho pedagógico, estando diretamente relacionado com os professores, alunos e pais”.

No seguinte trecho transparece que a definição do seu papel está ligada diretamente ao professor, ao aluno e ao processo de ensino aprendizagem, afirmando que a existência da escola está atribuída aos atores citados, como também ao processo de do ensinar e do aprender conforme fragmentado abaixo:

Bom, ao meu ver, as palavras que definem é professor, aluno e o processo ensino-aprendizagem porque para a escola existir primeiramente ela tem que ter o aluno, tem o professor e o processo de ensino-aprendizagem quem sem o aluno a escola não funciona, então o processo de ensino-aprendizagem é outra palavra chave muito importante, eles estão aqui para oferecer um ensino de qualidade que contribua para ao aprendizado das crianças. (CP14)

É notório observar que há uma disparidade na fala da CP14, em referência às outras entrevistadas. Para esta CP, a função de coordenar está ligada, em primeira instância, aos sujeitos do processo e não às demais tarefas que não estão relacionadas diretamente ao processo de ensino-aprendizagem.

No próximo tópico, analisaremos como os aspectos das práticas desenvolvidas pelos CP se relacionam ao contexto cotidiano do espaço escolar.

3.5.2 O cotidiano do coordenador pedagógico no espaço escolar

Esta categoria busca evidenciar de que forma se desencadeia o cotidiano do CP, frente às suas funções (citadas na categoria anterior), bem como o exercer de outras atividades que não competem a elas, conforme explicitado nos depoimentos abaixo:

Essa é uma questão muito fácil, porque hoje em dia um coordenador pedagógico da rede estadual (falo da rede estadual por ser aonde eu atuo) ele não está com sua função definida, a gente sabe quais são as nossas competências só que no campo de atuação a gente acaba entrando em outras competências e em outras atividades e não só da coordenação, a gente é um pouco de diretor, um pouco de agente de saúde, de serviço social, de zelador, de psicólogo e do próprio professor. Então a gente pode dizer hoje que o coordenador não se prende apenas a levar uma qualidade melhor da didática do professor ou só a acompanhar o desempenho do aluno, hoje ele é um agente que comporta várias funções numa só. (CP1)

No dia a dia a gente é bombril, mas é verdade que o coordenador pedagógico por ter essa função de articulador acaba fazendo de tudo um pouco porque ele tem esse contato com a gestão, com a direção, com os professores, com a parte pedagógica, com os próprios alunos e inevitavelmente com tudo que acontece na escola, o coordenador tem essa visão geral de tudo que acontece no dia a dia, a gente acaba tendo esse contato com um pouco de tudo. A gente devia ter uma rotina, já criamos várias vezes a rotina do coordenador na parte de observar diários, de dar informações, mas na verdade como é muito serviço a gente acaba fazendo o que é mais urgente, por exemplo: estamos na eminência de uma gincana então a gente se dedica única e exclusivamente com a gincana, se estamos na eminência de um simulado temos que preparar as ações do simulado, os professores têm que fazer uma atividade, então tem que distribuir quem vai fazer o que e direcionar corretamente; terminou uma atividade, vamos criar uma tabela dessas atividades para da próxima vez fazer melhor, então é assim, não existe uma rotina fixa para o dia a dia do coordenador, ele vai se adequando as necessidades do que está acontecendo na escola naquele momento. (CP2)

[...] Basicamente assim, ver como estão os alunos em sala de aula, olhar a questão de fardamento, dar comunicados para serem repassados para os pais sobre algum evento ou feriado, a questão dos monitores do mais educação tenho que ver a entrada dos monitores ver quais são as atividades deles, planejar as ações da escola, elaborar o planejamento, ver como é que vamos fazer certas atividades e eu me dedico muito a parte de provas pois gosto muito dessa parte, eu gosto de ler as provas que os professores fazem, gosto de ver a parte de corrigir também, gosto de aumentar a questão também porque eu aprendi que não é só ligar, pois como o meu aluno vai abranger o conhecimento se eu coloco só a questão de ligar? Que conhecimento ele vai ter com isso? Ate porque o coordenador trabalha diretamente com o professor, muitas vezes a gente acaba entrando na parte de outros setores como na merenda no setor da cantina, mas não é realmente minha função, assim... a minha função maior é trabalhar com o professor, eu falo muito em função participativa, e que a gente não pode estar preso só a um setor, a gente tem que se envolver com todos, e as vezes até brinco que a gente se mete em coisas que não é pra ser da nossa ossada, mas como a escola é um ser que a gente quer o crescimento, então a gente acaba entrando em todos os setores, mas eu gosto muito[...]. (CP4)

[...] Faço o acompanhamento e monitoramento para que o processo se desenvolva da melhor forma possível sem interrupção, dar assistência aos professores no que eles estão precisando e ver se a escola está andando normalmente, funcionando bem, se está tendo aula, se o aluno está assistindo aula, se o aluno está resolvendo as atividades, se o professor está também fazendo o seu trabalho cumprindo o seu papel [...]. (CP14)

Ao se abordar o cotidiano do coordenador pedagógico no espaço escolar, pode-se observar que o mesmo possui várias competências interligadas no ambiente de ensino, articulando diferentes funções ao desempenhar a liderança do processo formativo desenvolvido na escola. Grinspun (2002) salienta que quando se conhece o cotidiano educacional é como dar um mergulho nos conhecimentos e sentimentos que tecem o nosso dia-a-dia.

Conforme ressalta as falas das coordenadoras, o dia-a-dia de um coordenador pedagógico desvela em um processo em que se busca o envolvimento e uma articulação com os diferentes segmentos (pais/alunos/professores/equipe interdisciplinar) que contribuem, direta ou indiretamente, para o processo formativo:

O dia a dia da coordenação pedagógica é um trabalho de formiguinha que você vai conquistando a credibilidade com os pais, com os professores, ou seja, o professor tem que confiar em você, a confiança da direção, pra que realmente faça um trabalho em sintonia com o trabalho da direção, a confiança dos pais para mostrar que seu filho esta em boas mãos e que você está sabendo dá direcionamento aos projetos da escola, a confiança dos alunos para saber que tem alguém que esta na liderança dessa parte pedagógica e que sabe o que esta fazendo com propriedade. (CP3)

O dia a dia do coordenador é muito corrido, estamos o tempo todo atendendo as solicitações dos professores, alunos e pais de alunos, sempre atentos aos acontecimentos diários, buscando resolver os problemas que vão surgindo. Além de verificar toda a comunicação dirigida aos pais, desenvolvimento dos projetos, o trabalho da equipe interdisciplinar que atende aos alunos com dificuldade de aprendizagem ou outro tipo de problema. Em fim tudo que envolve a escola. (CP5)

[...]meu dia é corrido (risos), por que assim, eu tenho que atender pais que vem ate a escola para saber o rendimento de aluno, para saber como o aluno está na questão de conteúdo, tem aqueles que tem dificuldades dando um direcionamento para outra realidade, tem que atender o aluno e suas dificuldades, tem o professor, ele tem (professor) que fazer essa junção desse trabalho, eu diria que o coordenador seria esse mediador entre o professor e a família, porque na sala de aula tem essa mediação entre o professor e o coordenador para a gente saber em relação ao aluno, como o aluno está em relação ao desempenho, porque eu não vou estar em sala de aula 24 horas... eu conheço o aluno superficialmente, já o professor é que conhece realmente a realidade dele, como é que ele está, qual o desempenho dele, como é que ele está em questão de atividades.... (CP9)

Meu dia a dia é muito agitado (risos), eu poderia dizer isso porque eu quero estar por dentro de tudo, quero tomar conhecimento de tudo que está acontecendo ao meu redor, com alunos, professores, com a equipe gestora da escola, com todos os funcionários, eu sempre procuro está em contato com todos para eu estar por dentro de tudo que acontece na escola em geral, não sou aquela pessoa que procura estar só na coordenação parada ali só esperando algo, eu procuro fazer tudo que estar ao

meu alcance, o que eu puder fazer eu estou disponível, não me limito a estar sentada aqui no meu birô na minha sala esperando as coisas virem, eu busco as coisas, eu corro atrás, eu busco estar procurando novidades de fora pra dentro da escola, eu procuro estar sempre me atualizando para tudo que eu puder melhorar na escola e no grupo aonde eu trabalho, eu trago e procuro fazer isso da melhor maneira possível.(CP15)

É um tanto corrido, pois ambas exigem muito. Inclusive a do programa Mais Educação, pois esta requer uma atenção e um carinho maior. Devido às atividades diferenciadas que são trabalhadas, como: karatê, teatro, dança, música, hip-hop e reforço escolar. (CP13)

As falas corroboram com Domingues (2014) quando a autora relata que ser coordenador pedagógico significa lidar com uma série de situações que surgem no cotidiano e que o forma continuamente, orientando suas escolhas frente ao rol de funções exercidas no processo de coordenar.

Observa-se que essa foi a situação narrada pelas coordenadoras:

Pra mim é um trabalho muito gratificante, eu gosto de fazer o que estou fazendo e minha rotina é assim, inicio os trabalhos as oito da manhã e fico até as três da tarde e lhe dando principalmente com a observação do dia a dia dos professores, as dificuldades e também coordeno o programa do mais educação aqui na escola das oito as três. (CP8)

Meu dia a dia na coordenação da escola é bastante puxado. Há varias atribuições em relação a disciplina dos alunos, problemas relacionados a preenchimento de fixas de notas e diários, organização de horário de aulas e provas e principalmente orientação quanto ao andamento do currículo escolar. (CP10)

O coordenador pedagógico, ele tem por obrigação estar preocupado sobre tudo com a didática é exercida pelos professores em sala de aula, desde o planejamento à execução, como eu falei na questão anterior o que define mesmo o coordenador é isso, e dentro do dia-a-dia a gente acompanha os alunos em sala de aula, a gente sempre tem aquela preocupação de ver quais alunos faltaram, desde o planejamento às medidas com o que é cômodo para a criança, sobre todo o conhecimento que é transferido pra ela dentro de sala de aula. (CP12)

Dessa forma, pode-se afirmar que o CP possui uma série de atribuições que são voltadas desde o processo de melhoria do processo de ensino e aprendizagem visando o desenvolvimento e implantação da proposta pedagógica do currículo escolar e de programas educacionais com foco em conhecimentos e atitudes (VICENTINE et al., 1993).

O coordenador pedagógico precisa considerar as necessidades profissionais dos professores, o que significa envolvê-los nas discussões e nas decisões pedagógicas para a organização do PPP:

Trabalho diretamente com o professor, dando-lhes como coordenadora, suportes e orientações para suas necessidades. (CP6)

Na escola, como ela é pequena e como a gente também trabalha com a coordenação do mais educação, a gente primeiro trabalha com a questão de receber as atividades dos professores, auxiliar, preparar o planejamento mensal que a gente faz na escola junto com a direção e na verdade a coordenação nessa escola ela se faz de acordo com a necessidade do professor, na verdade o professor é quem procura a gente pra colocar as dificuldades e até pedir as orientações, na escola nós não trabalhamos com questão de ir atrás de olhar e até vigiar o professor, pois quando a gente vai ele se sente vigiado... ai a gente faz o planejamento mensal e se coloca à disposição pra o que eles necessitarem, e a partir daí eles vão procurando a coordenação e a direção e a gente vai trabalhando no dia a dia dessa forma, recebendo as dificuldades, ajudando no possível e interferindo também na sala de aula quando é pedido pelo professor. (CP7)

A gente começa por acompanhar o horário das aulas e ver quem está faltando, ver as salas que estão sem alunos é acompanhamento, dar assistência aos alunos e professores, elaboração de serviços burocráticos como calendários, cronogramas, atividades e projetos a serem desenvolvidos, aqui tem muita burocratização nos serviços de coordenação até porque no meu caso eu não preparei, mas praticamente modifiquei, inclui no projeto político pedagógico e regimento escolar também. (CP11)

O PPP da escola e o regimento escolar eu fiz juntamente com os professores e gosto da participação de todos... gosto de me envolver, eu sou muito “eu me meto mesmo (risos) nas coisas”. Na parte do mais educação a escola tem um professor, tem um tesoureiro, tem um presidente do conselho, mas toda a burocracia do mais educação é feita por mim, eu mexo no computador, eu faço a burocracia dos projetos que é do governo federal, tipo o PDE interativo. Eu gosto de fazer, pois, além do conhecimento que eu vou adquirindo produzindo, eu sei o caminho que ele vai seguir. (CP4)

[...]o meu dia a dia é também na parte burocrática, organizando planejamento, organizando alguma atividade para os professores e planejar o planejamento que é uma reunião q a gente faz mensalmente com os professores no sentido também de se comunicar com pais, dando uma informação sobre o filho, fazendo algum chamamento na escola para resolver algum problema das crianças, comunicar como está o andamento não só na reunião de pais e mestres, mas também quando necessário a gente faz esse chamamento, quando acontece algum problema na escola entre alunos, ai a gente chama os pais pra conversar e para resolver a situação, para que tudo aconteça da melhor maneira possível. (CP14)

Cabe pontuar como é pertinente na fala das CP, como se atentam às questões de planejamentos, à parte burocrática, ao acompanhamento e desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola, da participação ativa dos membros da escola, nas atividades desencadeadas pela escola, não esquecendo o alunado, estando sempre presente no acompanhamento e desenvolvimento destes em parceria com o professor. Segundo Almeida (2003, p. 79), cabe ao coordenador “acompanhar o projeto pedagógico, formar professores, partilhar suas ações, também é importante que compreenda as reais relações dessa posição”.

Em virtude do projeto político-pedagógico representar para a escola não só um papel com metas e ações a serem desenvolvidos ao longo do ano letivo, deve-se almejar uma união de diretores, coordenadores, professores e demais membros da escola, construindo assim uma cultura organizacional própria, refletida por Libâneo (2003) como elemento

condicionante para o PPP, considerando essa estrutura em aspectos específicos e locais. O cotidiano do CP é perpassado, portanto, pelos esforços que buscam traduzir alternativas para a efetivação desse propósito.

Cabe-nos refletir sobre como o processo de identificação com a função e o nível de satisfação profissional dos CP se confronta com fatores que constituem o cotidiano escolar em suas múltiplas dimensões e desafios inerentes.

3.5.3 Identificação com a função profissional e seu nível de satisfação pessoal

Iremos relatar nessa categoria a afinidade das entrevistadas em relação ao desempenho da sua função como coordenadora pedagógica, como também o seu nível de satisfação com a função, observada nas falas abaixo:

Me identifico de mais, na escala de 0 a 10 é 1000 (risos), dez ne?... Eu gosto de estar aqui, eu gosto de fazer o que eu faço, inclusive eu estava essa semana dizendo que o pessoal do PIBID de pedagogia que foi o que eu coloquei na minha carta que você tem que se candidatar ao PIBID dizendo o porquê que você deve ser selecionado? e aí foi isso que eu coloquei na carta, não sou pedagoga, não tenho conhecimento específicos pra ajudar na formação enquanto pedagoga, mas eu acho que devo ser selecionada pra que eu possa contagiar-los com esse gosto pela pedagogia, pela docência, pelo ambiente escolar porque quando a gente gosta do que faz, a gente busca o conhecimento e tentar fazer bem feito e dar mais certo, então eu acho que devo ser selecionada para que eles aprendam de mim e se contaiem com essa empolgação e com esse entusiasmo que eu tenho pela educação. (CP2)

Meu nível de satisfação é 10 (dez), eu adoro o que eu faço, eu sou professora, estou na função de coordenadora mas eu sou é professora, mas eu também adoro o trabalho de coordenadora, sempre me identifiquei com esse trabalho burocrático da escola, esse contato com os professores, com o aluno e com a família, é uma coisa que eu faço com grande satisfação e procuro fazer o melhor possível porque a gente sempre dá margem a alguma coisa assim que não dá certo, mas eu tento e procuro fazer o melhor possível eu procuro sempre estar presente a todas as coisas que acontecem na escola, a par de tudo que está se passando, até no dia que eu não estou eu procuro saber como está o andamento das coisas, porque eu adoro o que eu faço e meu objetivo aqui é que o trabalho ocorra da melhor maneira possível, sem nenhum empecilho, que as aulas aconteçam direitinho, que tenha aula todos os dias, que os professores estejam presentes na escola e não faltem, eu acho até que tem alguém que me acha enjoada, porque eu cobro muito essa questão da presença se você precisar faltar colocar um substituto ou avisar com antecedência, porque se for uma coisa de última hora a gente possa substituir com alguém da própria escola afim de não deixar o aluno sem assistir aula, a gente tem essa grande preocupação tanto eu como a diretora, em passar também as informações para que todo mundo esteja a par do que está se passando na escola para evitar esses furos, pra não dizer: “ah eu não sabia, eu não participei porque eu não sabia, eu faltei e não tive como comunicar aos alunos” aqui a gente faz de tudo pra não despachar os alunos pra casa, isso é uma preocupação muito grande pra mim como coordenadora e você sabe que a gente precisa cobrar muito, pois a gente também é cobrado. (CP14)

O nível de satisfação com essa função é 10, porque realmente pra ser coordenador você tem que gostar de gente, tem que trabalhar numa perspectiva de planejamento, eu gosto muito de planejamento, tem que entender um pouco de gestão a questão da

participação do docente, fazer com que ele se sinta mais responsável com o projeto que acontece na escola... Minha satisfação é dez. (CP3)

E perceptível na fala das coordenadoras como retratam em seus depoimentos o quanto sentem afinidade pela sua profissão por considerarem que a desempenham com grande afinco, relatando, assim, o gostar pelo que fazem, em face de uma compreensão de que sua função não é meramente se resolver questões burocráticas da escola, mas constitui-se no contato humano, da participação, da comunicação de todos que preenchem o ambiente escolar.

Pegando eixo nesse pensamento, Pimenta (2002, p.11) comenta que:

[...] o coordenador figura isolada em sua unidade escolar, tenha um espaço coletivo e formador, análogo ao HTPC (Horário de Trabalho Coletivo Pedagógico), no qual possa apresentar as dificuldades inerentes à sua nova função, partilhar angústias, refletir sobre a sua prática como coordenador, trocar experiências... crescer profissionalmente para poder exercer de forma plena a sua função formadora e promotora do projeto pedagógico. É pela profissão que o indivíduo se destaca e se realiza plenamente, provocando sua capacidade, habitualidade, sabedoria e inteligência, comprovando sua personalidade para vencer os obstáculos. Através do exercício profissional, consegue o homem elevar seu nível moral. É na profissão que o homem pode ser útil a sua comunidade e nela se eleva e destaca, na prática dessa solidariedade orgânica.

Nos depoimentos seguintes também podemos vislumbrar a identificação das entrevistadas pelo cargo de coordenadora, mas com ressalvas, relatando que se defrontam com obstáculos que por muitas vezes não se sentem preparadas para resolver, como explanam abaixo:

Bom, eu não diria que cheguei a dez por conta das dificuldades, acho que como toda função tem suas dificuldades e são muitos os desafios, as vezes você se depara com dificuldades que você não consegue resolver e as vezes você encaminha para uma instância maior como a secretaria de educação e nem sempre eles conseguem dar esse apoio necessário para que você possa resolver alguns problemas e algumas dificuldades. Pra mim seria 9 (nove), gosto muito de trabalhar com coordenação. (CP8)

Sim (risos), eu diria 9(nove), porque eu acho assim, eu não poderia dizer dez porque nem tudo é perfeito, tenho sempre que estar buscando algo para melhorar, mas eu me identifico muito pelo fato de estar em contato com as pessoas, eu gosto muito de estar conversando, de trocar ideias, de ouvir e de participar. É essa função me torna uma pessoa assim, eu gosto muito de interagir. (CP15)

Sim, me identifico, já estou a quatro anos atuando, mas eu acho que tem muita dificuldade ainda porque falta condições de trabalho pra gente e também por a gente não ter uma função definida, a gente deixa muito a desejar, porque pela atuação do coordenador, a gente teria que ser o braço esquerdo do professor, e a gente acaba que se desvia para fazer outras atividades e acaba não fazendo realmente o que é da função da gente. E de uma escala de 0 a 10 eu vou até baixar e vou colocar um 7 (risos) porque há uma desvalorização dessa função, o próprio estado ele não dá um certo valor a coordenação, ele vê a coordenação como um cargo que a gente não tem um carimbo para assinar a gente e não tem um poder de decisão, a gente tem apenas

um status de coordenação ali, um agente de coordenação, e o coordenador que tem uma função burocrática, onde essa função hoje está mais burocrática do que pedagógica infelizmente, e como não tem essa função definida a gente acaba se desviando pra outras funções e deixa de fazer aquilo que a gente sabe que compete a coordenação. (CP1)

[...] meu nível de satisfação é 8, porque apesar da minha dedicação, há ainda muitos atritos em relação a organização do calendário escolar e desenvolvimentos quanto a reposição de aulas. (CP10)

Nas falas de P8, P15 e P1 retratam que gostam de exercer o cargo, mas que sempre encontram dificuldades relacionadas às condições de trabalho e desafios advindos pela gama de funções que tem que dar conta, especialmente por questões burocráticas, ao passo que não conseguem dispor de tempo e condições para acompanhar as ações pedagógicas, consideradas por elas as mais importantes e as que realmente às competem.

Para Fernandes (2004, p.89) as dificuldades encontradas pelo CP estão ligadas a variados fatores incluindo:

O desvio de função; a ausência de identidade; a falta de território próprio de atuação no ambiente escolar; o isolamento do trabalho; a convivência com uma rotina de trabalho burocratizada; a utilização da função na veiculação, imposição e defesa de projetos da Secretaria de Educação; a presença de traços autoritários e julgadores e a fragilidade de procedimentos para a realização de trabalhos coletivos.

Dando continuidade as falas das CP, elas revelam que descobriram na função de coordenadores aparatos antes desconhecidos, relativos ao modo de pensar e agir no concerne da sua formação, conforme expressam abaixo:

É, eu gosto muito da educação infantil, mas a parte pedagógica que eu estou exercendo hoje, que é a coordenação, isso tudo tá modificando o meu modo de pensar, enquanto ser só o professor, é quando você passa a ser mais influente ainda, é quando você tem a função de coordenação que é um cargo de confiança que a escola lhe permite. E em uma escala de 0 a 10 eu me incluo no quadro de 9,0. Gosto muito porque aqui nessa parte você descobre aquilo que estava guardado dentro do seu interior enquanto educador, enquanto formador. (CP12)

Sim. Amo o que eu faço! Aqui me dou de corpo/alma e coração. Na medida que contribuo com minha experiência/formação; aprendo bastante com todos. Bem, darei nota 9,0, pois acredito que sempre temos o que aprender, já que somos seres em constante processo de formação. (CP13)

Eu costumo dizer que eu acho que quero isso, que eu fiz pedagogia e sou formada em letras/ português, mas nunca exerci a profissão, só me formei em letras apenas pelo título e então fui pra pedagogia [...] quando eu cheguei em pedagogia e paguei gestão eu me identifiquei, aí eu fiz pós na área de gestão escolar/coordenação pedagógico. Eu gosto dessa área, é o que eu quero; até eu brinco que eu não sou coordenadora, eu estou coordenadora porque você se forma para ser professor, eu falo até para meus amigos que eu não quero uma direção de uma escola, pois eu me identifico nessa parte de coordenação. Eu me identifico demais com a gestão, é o

que eu quero para mim hoje, eu estou fazendo outro curso voltado pra área da coordenação voltada para a escola integral no caso o mais educação, então eu acho que numa escala eu estou num 8 (oito), assim (risos) eu sou muito satisfeita[...] eu adoro essa parte de projetos eu até brinco com as professoras daqui, que eu nasci de projetos e que eu aqui mesmo fico triste porque não consigo elaborar um projeto porque a escola não comporta recursos. (CP4)

Nota-se que as CP relatam, através de sua função no ambiente escolar, um ser formador, que aprende e ensina ao mesmo tempo, através de suas experiências teóricas e práticas somadas a novas descobertas que vão vigorando com a sua atuação no campo da coordenação pedagógica, estando estas experiências em um constante processo de formação.

Desdobrando-se nesse seguimento, Libâneo (2003, p.89) contextualiza que é na escola, no contexto de trabalho “[...] onde são enfrentados, resolvidos, elaborados e modificados procedimentos, que criam e recriam estratégias de trabalho, e com isso vão promovendo mudanças pessoais e profissionais”.

Em conjunto com as falas anteriores as coordenadoras P5, P6 e P9, mencionam o quanto estão satisfeitas no desenvolver de seu trabalho demonstrado nas falas:

O meu trabalho me dá satisfação por que faço o que gosto. A minha nota é 9,0. (CP5)

[...] faz muito tempo que trabalho nessa função de coordenadora, seja como coordenador pedagógico ou executivo, na escala da escola minha nota é 8, estamos sempre dispostas a melhorar. (CP6)

Eu me identifico, realmente eu faço aquilo que eu gosto mesmo, não fui ainda para a sala de aula, fui só período de aluna mesmo, mas tenho toda uma experiência assim desde o fundamental, porque sou coordenadora do fundamental 2 e lá no fundamental 1 eu fico como supervisora, então eu tenho toda uma vivencia do fundamental 1 e 2 e vejo um pouquinho da realidade do médio. Então eu me identifico sim com o meu trabalho, então eu daria uma nota 8 de satisfação com o meu trabalho. (CP9)

Em contrapartida, P11 e P7, são diretas ao falarem que não sentem afinidade pelo cargo de coordenação, afirmando que estão nessa função por outras razões e não por gostar do cargo, como discorrem abaixo:

Eu não tive muita afinidade com o cargo de coordenação, eu tenho mais afinidade com sala de aula, é tanto, que peguei essa coordenação porque me lotaram aqui, ai então eu disse: então eu vou... vamos ver o que vai dar... Eu sou pedagoga, então tiraram os pedagogos de sala de aula, eu sempre trabalhei com filosofia, sociologia e historia, é essa área que eu gosto de trabalhar em sala de aula, não sou a professora mais simpática do mundo não (risos), mas em sala de aula eu dou conta do recado. Coordenação já é um pouco mais burocrático, o trabalho da área de educação que eu menos gosto é parte de registro de diário e registro em ficha. Para mim, como professora, são essas questões que eu menos gostava. Eu daria um 6 (seis) no meu nível de satisfação. (CP11)

Coordenador pedagógico... na verdade eu não me identifico muito com essa função, eu me daria um 7(sete), talvez eu nem mereça tanto, por que é uma função.... eu estou coordenadora pedagógica (risos) mas não é uma função que me atrai, porque é uma função que você vai cobrar do professor e eu não tenho essa habilidade de ir lá, de cobrar: “não que você está errado mas que você deveria ter feito assim”, eu tenho essa questão pessoal de não querer magoar então eu trabalho mais na amizade e as vezes até fecho os olhos porque é aquele questão de você não ter vocação pra aquela área, pra sala de aula eu tenho, a coordenação do mais educação eu amo porque é um trabalho que a gente faz na parceria, é diferente, é mais voluntario; agora a pedagógica, quando você lida com um mundo enorme em relação ao professor é mais delicado a relação pessoal nesse caso. (CP7)

Cabe pontuar o quanto é marcante o relato das coordenadoras em relação a sua insatisfação enquanto o desempenho de sua função. Interpretamos assim nas suas declarações, que essa insatisfação é mais uma questão de afinidade com o cargo, afirmando isso através de seus depoimentos, descrevem que exerce o cargo apenas porque as lotaram nesse cargo, encontrando mais afinidade como professora, onde se identificam mais em sala de aula.

Partindo desses relatos podemos refletir que o ato de coordenar é uma tarefa que requer todo um profissionalismo envolvido, começando pela ocupação do cargo. Sabemos que esses são ocupados por nomeações e não por seleção, desencadeando assim um emaranhado de profissionais que ocupam o cargo sem conhecimentos técnicos, teóricos e metodológicos suficientes para suprir os encargos que a função dispõe. Somados aos desafios apresentados no próximo tópico, esses aspectos representam obstáculos para a conquista da qualidade da ação do CP na escola.

3.5.4 Desafios encontrados no trabalho de coordenador pedagógico

Nesta categoria abordaremos o trabalho de coordenador pedagógico ainda apresenta muitos desafios, principalmente no tocante as condições de trabalho, a desvalorização do trabalho e o desvio da função de coordenador, fazendo com que este não possua condições de desempenhar o seu real papel, conforme ressalta as entrevistadas abaixo:

E como eu falei, ainda falta muita coisa, inclusive nas condições de trabalho, a desvalorização do trabalho, o desvio da função de coordenador, coordenador hoje ele não e só coordenador, ele e professor, ele é agente de saúde, é psicólogo, é zelador, é diretor e a gente abraçando essas outras condições, a gente deixa ainda a desejar, deixa de cumprir aquela função que e da gente que e o de papel pedagógico, a presença do pedagogo ele já remete a pedagogia, já remete ao setor pedagógico, e a gente (coordenador) não se limita só a isso, na verdade a gente tá deixando de essa parte pedagógica mais pra lá e fazendo mais essa parte burocrática, essa parte estrutural, essa parte do dia a dia do cotidiano mesmo e ai tá deixando muito a desejar. (CP1)

Corroborando com o achado, Basso (2007) aborda que na escola atual o CP é levado a assumir diferentes funções, colocando em segundo plano aquela atividade considerada como primordial. Sendo assim, o CP não possui uma função delimitada, e suas ações acabam sendo pautadas em um aspecto amplo, ou seja, qualquer função voltada para o ensino-aprendizagem, entre outras: resolver os problemas da escola, auxiliar nas atividades com a comunidade escolar, desenvolver projetos e atividades com a comunidade escolar, acompanhar o planejamento da escola.

Outro desafio encontrado foi a inter-relação e a convivência entre professores, alunos, funcionários, gestores e pais, necessitando de uma articulação para que se mantenha o equilíbrio, bem como aproveitar as aptidões que cada um pode oferecer de forma a contribuir para o trabalho do coordenador pedagógico, conforme aponta as falas a seguir:

“[...] Entre tantos e tantos desafios, um deles é esse relacionamento, essa articulação com os professores por que nenhuma equipe é 100% , tem professor que é excelente, muito bom em dar a aula, ele tem muito conhecimento, mas quando você vai realizar um projeto ele não se envolve, ele não tem aquela capacidade de empolgação de participar (não gosto dessas coisas eu gosto mesmo é de dar aula) e tem o contrário, tem aquele que te mata de trabalho o ano inteiro e na hora de um evento desses salva a escola, tem aquele faltoso, tem aquele que não importa quantas vezes você dê uma orientação... “entra por aqui e sai por ali”. Eu acho que o grande desafio no trabalho do coordenador pedagógico é perceber qual é a personalidade dos gostos, as aptidões de cada um e tentar também direcionar isso, se você. É bom nisso, é dessa forma que você vai colaborar nisso, então é dessa forma que você vai colaborar aqui, por escutar e dizer que vai me dar trabalho que não serve pra nada, não adianta. Você tem é que trazer e fazer querer, que depois que depois que se sentir útil e ver o trabalho reconhecido eu acredito que é mais fácil de contribuir e as coisas andarem, eu costumo dizer que os professores quando chegam aqui não importam como eles são ou o que eles fazem a gente coloca em baixo do braço e diz: venha é bem aqui mesmo que você vai ficar (risos), eu acho assim que o grande desafio é esse perceber de cada um o que ele tem de melhor e colocar isso a serviço do trabalho pedagógico. (CP2)

[...] assim eu acho que a parte mais difícil é a parte da convivência né, não só com os professores funcionários e gestores, mas também com os alunos, com os pais que a gente tem que ouvi-los muitas vezes a gente você cala, muitas vezes tem que faz-los entender que não é daquela forma e eu acho também de por eu ter feito psicopedagogia eu já assim já tenho um certo jogo de cintura para trabalhar dessa forma né, a parte psicológica, eu procuro manter o equilíbrio. (CP15)

Os principais desafios encontrados é o tipo de formação que os professores têm ao chegar no ambiente escolar, porque nós sabemos que nem todos tem a formação que eu tive por exemplo, mas que teve de outras de outras formas, de uma forma diversificada, e o que mais me chama a atenção é o desafio maior pra mim, é a relação a inter-relação professor/professor, não só o professor/aluno, mas o professor/professor. É muitas vezes por ser não só educadores, mas somos primeiramente, somos seres humanos, né e aí a natureza, muitas vezes é totalmente diferente, e aí acontece que muitas vezes o trabalho não se dá como deveria ser por conta das naturezas diferenciadas, mas não há nada melhor que uma boa conversa né, sempre a gente faz reunião, né semanalmente, a gente fecha a semana planejando a outra né vendo os desafios que encontramos né as alegrias né a gente pode colocar também a questão da de como somos, interiormente enquanto pessoas e quanto formador né porque a gente sabe que o professor ele é base fundamental na

educação né o principal ainda é a família que muitas vezes se exime da responsabilidade dela e joga tudo pra escola. (CP12)

Dessa forma, o ambiente do coordenador pedagógico, é um cenário caracterizado pela diversidade de relações, requer, sobretudo, saber lidar e conviver com grupos com personalidades distintas, organizando, orientando e harmonizando, o que muitas vezes é difícil devido ao tempo dispendido para essas interações que é pequeno e restrito a intervalos, reuniões, entradas e saídas, o que torna a função ainda mais complexa (SOUZA , 2003)

No tocante ao processo de coordenar uma equipe, faz-se necessário que o CP trabalhe de forma cooperativa com os demais membros e reconheça que o mesmo é uma parte de um processo que só com o envolvimento de todos alcançará o resultado esperado. Dessa forma, outro desafio ressaltado foi a humildade de reconhecer que o CP não é um chefe e sim um líder que necessita dos outros protagonistas, num processo de valorização onde todos precisam sentir-se responsáveis:

O principal desafio é você fazer todo dia um desafio de humildade certo, você saber que você que não é um chefe, ter característica de liderança e muitas vezes você tem que dar um passo atrás pra que realmente os professores sejam protagonistas daquele processo certo, ter realmente essa questão da humildade de trabalhar de forma cooperativa de valorizar o próximo por que muitas vezes você vem com um projeto onde todos se sintam responsáveis esse é um dos grandes desafios que a gente encontra é realmente ter essa humildade de saber que você não é o centro do processo, mas parte do processo, então você tem que fazer esse exercício de humildade que apesar de ser a responsável de ver as coisas andando. (CP3)

Nesse cenário, o CP precisa refletir sobre a importância do trabalho cooperativo, posicionando-se como formador e parceiro dos professores, como coloca Nóvoa (2002): “Formar não é ensinar as pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação se faz na produção do saber, e não, no consumo do saber”.

O CP ainda encontra resistências por parte dos professores quando procura inovar o processo, encontrando muitas barreiras ao tentar trazer propostas diferentes que introduziriam uma nova perspectiva na educação:

O desafio maior é trabalhar com o ser humano, esse é o desafio maior porque trabalhar com pessoas é a coisa mais difícil pois cada pessoa tem um jeito de fazer, um jeito de ser, e trabalhar com pessoas assim, tipo eu que sou nova na educação, a gente tem uma barreira porque quando a gente quer inovar ai tem aquele professor bem antigo, que já perto de se aposentar mudar a mentalidade ou tentar incluir esse professor assim no seu jeito de ser, o que você quer melhorar, assim, aqui mesmo na escolar eu tenho encontrado uma grande barreira, pois aqui os professores já são antigos do ano de 1997, quer dizer, quando você chega querendo inovação com

projetos ai o professor fala que chegou querendo inventar as coisas, por que eles acham que isso tudo da trabalho. Então a grande dificuldade que eu tenho é essa assim, por que outra dificuldade eu não encontrei, já trabalhei em outra escola e não tive dificuldade com estou tendo aqui, porque os professores de lá gostavam muito de participar, eram ativos e gostavam muito dessas coisas, então eu não tive problemas, aqui eu já tive: você dá um palpite, diz que não é assim e sim do outro jeito... ave Maria! Pra mim está sendo o principal desafio. Eu tô fazendo outra pós na federal, ai chego cheia de novidade e ideias ai elas dizem: Ah! É porque tá fazendo isso... a gente não pode parar no tempo, tem que estar se atualizando principalmente o gestor ele tem que tá se atualizando sempre. (CP4)

Eu diria que é a resistência, tanto assim por parte do professor porque quando você trás algo novo já é, você já encontra certas barreiras ne, quando você trás propostas diferentes, eu desafio que eu acho é esse ai e as vezes trabalhar com algumas famílias que não tem aquele compromisso de ver como é que tá o filho e a gente acaba de desgastando querendo o melhor pra criança né e ai família sem procurar a escola, porque se não andar junto o trabalho não vai ser satisfatório, o foco é o aluno, mas a família tem que ajudar né, a família tem que ser a base. (CP9)

Em um processo de personalidades diferenciadas é difícil alcançar a unicidade. Dessa forma, outros desafios apontados foram o fato de muitos funcionários não cumprirem suas responsabilidades de determinada forma, o desinteresse dos alunos e o fato dos pais não sentirem-se corresponsáveis no processo, cabendo à escola traçar estratégias que tragam a família para a escola e que mantenham a equipe coesa, unida e participativa:

Bom, a gente encontra algumas dificuldades, você sabe que a gente lhe da com gente e é difícil e complicado, muitos cumprem o seu trabalho, o seu compromisso e suas responsabilidades com muita determinação, mas você sabe que tem uns que, em todo seguimento de trabalho em toda empresa acontece de ter um que uns funcionários que são mais relapsos ne, então uma das maiores dificuldades é essa, a outra dificuldade é em relação ao desinteresse do aluno é uma questão muito seria que acontece hoje em dia na escola e embora a família ela seja cobrada ela seja chamada a participar a fazer essa parceria ainda existe um desleixo muito grande da família que ela cobra da gente, mas ela não da a sua parcela de contribuição, sempre a gente avisa semana de prova pra se comprometerem mais com os alunos, colocar os filhos para estudar, mas parece que eles não levam muito a serio em casa, é a questão de aluno voltarem para a escola no dia seguinte sem as tarefas respondidas ou alguns pais respondem pelos alunos ai a gente faz esse chamamento essa conversa, esse apoio esse apelo para que os pais se comprometam mais e haja certo, sendo a preocupação maior parte da escola, eles não tem esse compromisso de cobrar dos filhos para que eles tenham um bom desempenho na escola tirem boas notas ter aquela obrigação de estudar para as provas . onde a maior dificuldade e essa parceria com os pais, onde a família joga toda a responsabilidade para a escola e agente sabe que não é assim que tem que haver parceria.(14)

Trazer a família para a escola (desenvolvemos inúmeras estratégias) projetos no tocante à resolução dessa problemática; Manter a equipe unida, coesa, motivada, participativa; Somar os problemas trazidos de casa/rua pelo nosso alunado, dentre outros. (P13)

O maior desafio é o trabalho com o docente e discente, mais nada que impeça desenvolver um bom trabalho. (P6)

A inter-relação entre coordenador-professor também se torna objeto de discussão, pois muitos professores veem o CP, como alguém que fosse vigiar e criticar o trabalho do mesmo, necessitando de uma maior reflexão e da implantação da consciência do trabalho coletivo, onde um ajuda o outro de forma mútua, conforme aponta as falas a seguir:

Os desafios são muitos, implantar a consciência do trabalho coletivo, introduzir os professores a refletirem sobre a sua prática pedagógica, firmar o compromisso com a formação do aluno e manter uma parceria saudável para que o relacionamento professor-coordenador se torne o mais fácil possível. (P5)

E exatamente isso é essa relação de coordenador-professor porque o professor vê o coordenador como se fosse alguém pra vigiar e criticar o trabalho dele e não pra ajudar e as vezes o professor se fecha e não quer trazer as suas dificuldades pra coordenação, não se sente bem quando o coordenador pega as suas avaliações pra olhar e pra ver no que pode melhorar, é aquela questão de quando a gente tá sendo avaliado a gente tem medo daquela avaliação é o aluno e no caso o professor em boa parte tem essa mentalidade, essa visão de que o coordenador tá ali pra cobrar e não pra ajudar.(P7)

Nesse cenário, pode-se afirmar que o Coordenador Pedagógico deve atuar junto com os professores, voltando-se para a formação continuada; estimular a pesquisa e o trabalho coletivo; auxiliar no planejamento das aulas, no trabalho com os pais e em sala de aula; esclarecer dúvidas; elaborar projetos, sendo mediador entre a escola e a secretaria de educação; devendo ainda trabalhar como orientador, auxiliando na indisciplina e orientando os alunos com dificuldades de aprendizagem (BASSO, 2007).

A articulação é apontada como outro desafio no trabalho do coordenador pedagógico bem como a interferência no trabalho do professor de uma área não afim, no sentido de encontrar soluções para os problemas bem como oferecer sugestões que possam melhorar o processo educacional:

O desafio mesmo é quando a gente encontra um problema é encontrar a solução ne como por exemplo a articulação, articular o método do professor entendeu com o a aprendizagem do aluno com o desenvolvimento do aluno é a gente interferir nesse processo ne é você chegar e dizer professor as notas desse alunos em sua maioria não estão boas não o que que a gente pode fazer, essa interferência no trabalho do professor que eu acho mais difícil ate porque o professor tem suas áreas de matemática por exemplo mas eu sou pedagoga entendeu, então o que eu acho mais difícil é essa interferência é encontra problema porque que mais da maioria tirou nota baixa(problema recente aqui) ne ai vem a chamada do professor e perguntar o que que tá acontecendo o que que a gente pode fazer então e da sugestões porque a questão é você ir com a solução do problema, que além de você ir com a solução do problema ainda tem a abertura do professor que você como pedagoga faça isso na área dele né é algum dos desafios.(P11)

Os principais desafios é a questão da relação humana ne, a relação com os profissionais da escola muitas vezes a gente se depara com opiniões diferentes né com posicionamentos diferentes e ai dá aquele impacto né você sente uma certa

dificuldade pra le dá com isso mas nessa questão eu estou bem preparada sempre gostei de le dá com gente eu acho que entendo muito bem, tenho facilidade de conversar de dialogar, mas não é fácil não ne, você lhe da com gente é difícil que cada cabeça é uma centena , cada um é um universo ne(risos) e outras dificuldades maiores é como eu falei é essa questão dos encaminhamentos ne você detecta muita dificuldade na escola a gente tem dificuldade aqui por exemplo com alunos especiais né a gente tem essa dificuldade porque a escola ate hoje não tem uma sala de recursos ne, inclusive ate o material pra sala de recursos já foi enviado pelo MEC, mas ate hoje não se construiu uma sala pra que funcionasse então nós temos aqui é são cinco alunos que são especiais ai os professores lhe com eles com maior dificuldade porque também não tem formação nessa área né então esse é um dos problemas ai a gente procura assim fazer esse encaminhamento para a secretaria de educação e ai a gente tem uma dificuldade de um retorno ne, de ter essa parceria de ter essa ajuda né, na questão dos alunos com dificuldade dos alunos especiais. (CP8)

Desafios são vários, como em qualquer profissão. Na coordenação acredito que o desafio maior é proporcionar aos alunos o número significativo de aulas para o cumprimento do calendário escolar, coisa que sabemos que e humanamente impossível, devido a carência de professores que ocorre ano após ano. (CP10)

Além da articulação, outra dificuldade encontrada está no alunado, evidenciando de maneira particular os que chegam na escola om alguma deficiência especial, onde muitas vezes a escola não dispõe de recursos, de professores e até mesmo da salas apropriadas receber ajudar esses aluno, cabendo ressaltar que a CP8, no seu relato fala que chegou na sua escola um caso desse e que pediu ajuda ao órgão superior no caso a secretaria de educação(SEME), mas não obteve retorno. A partir desses relatos é que percebemos o quanto escola está fragilizada de profissionais, de estrutura e de parcerias, valendo-se apenas do pouco que tem.

Relacionado ainda ao exposto Nogueira (2008, p.1) acrescenta que:

Não se trata mais de administrar pessoas, mas de administrar com as pessoas. As organizações cada vez mais precisam de pessoas proativas, responsáveis, dinâmicas, inteligentes, com habilidades para resolver problemas, tomar decisões”. Nessa perspectiva devemos identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade esse trabalho é desenvolvido pelo coordenador pedagógico.

3.5.5 A formação inicial e continuada como base no desempenho da função do coordenador pedagógico

Nesta categoria teremos como proposito elencar através das falas das CP, as contribuições teóricas e práticas proporcionadas pela formação inicial e continuadas, no exercício do cargo de coordenador. Esta categoria esteve presente nos depoimentos nas falas das entrevistadas, conforme descrição abaixo:

Eu acho que se eu não tivesse feito pedagogia acho que não seria uma coordenadora completa, por que eu acho que a pedagogia abre caminhos, eu digo sempre que a pedagogia ela abre seus olhos ela tira uma venda assim, ela abre os seus olhos para você ver tudo, como você paga várias disciplinas abre caminhos para buscar novos conhecimentos isso quando você já tem um fio porque se não tiver fica ruim, aqui mesmo quando eu cheguei teve uma professor que me perguntou qual era minha formação, pois teve outra coordenadora aqui que era formada em educação física, ai quando eu disse que era formada em pedagogia com habilidades em gestão escolar a professora já me olhar com outro olhar, porque da outra ela não queria nenhum palpite por que ela não tinha conhecimento da área ai eu até brinquei com ela dizendo: precisa saber do meu currículo, ai ela disse tenho que saber pra ver se você pode me orientar[...] Eu participo sempre de formação continuada eu gosto[...] a secretaria de educação ela promoveu juntamente com o estado outros cursos na área de gestão[...]esse ano 2015 fui outra formação em parceria com a federal que abriu outra pós graduação na área de gestão que também influencia muito além de eu adquirir saberes novos tenho muito a contribui[...] (CP4)

Eu fiz o curso de pedagogia e de letras, o curso de pedagogia nos orienta muito e o meu próprio dia a dia como professora em sala de aula, porque eu sempre afirmo que todo professor ele tem que passar por uma direção, por uma coordenação pra ele mudar a forma dele olhar a escolar, a forma dele olhar o trabalho do seu colega, porque a gente só passa a dar valor mesmo quando a gente vivencia aquilo [...]minha pós graduação que foi em cima da supervisão escolar então ela contribuído muito, tem me orientado, serviu para quebrar muitos elos, muitas raízes que eu tinha antigamente da ideia que eu tinha de coordenação e que hoje eu já penso diferente[...]uma formação pedagógica para coordenador não tem a gente não passou por nenhuma [...] hoje a exigência do estado é que você seja um coordenador que tenha pedagogia, antigamente nem isso, podia ser qualquer um que a direção indicasse, hoje já exigem a coordenação de pedagogia, mas formação continuada não, a gente não recebe nenhum tipo de treinamento para exercer essa função. (CP1)

Com certeza porque pra você assumir uma coordenação você tem que ser licenciado em pedagogia a próprio apelo da dinâmica dessa função exige apegos dinâmicos. Realmente minha formação inicial me deu a fundamentação do meu pensamento, das diretrizes, mas com certeza a minha formação continuada e minha experiência e os desafios que venho enfrentando é que fez a grande diferença em minha vida, mas com certeza minha formação foi bem consolidada, bem fundamentada com professores que desafiam a gente que realmente faz a diferença.[...] o município sempre oferece, inclusive foi nesse espaço da normal pelo instituto Antoninho Freire que nos fizemos uma formação continuada na coordenação pedagógica, mas também nos somos responsáveis pela nossa formação estamos sempre que está correndo atrás se atualizando[...] em questão da própria experiência como coordenador é bastante rica.[...] o instituto Antoninho freire é responsável por uma parceria com o estado e município responsável por dar formação continuada onde são encontros para ser discutido temas de grandes pautas na área de coordenação. (CP3)

Percebe-se nas falas de P4, P1 e P3 a afirmação de que a formação inicial destas no curso de Pedagogia foi de grande relevância para o norteamento das habilidades e diretrizes atribuídas ao cargo. De acordo com Domingues (2014, p.27) esse é um aspecto crucial, pois:

Os conhecimentos advindos dessa formação dariam suporte teórico e prático para a ação desse profissional, pois subsidiado pelos estudos da teoria da educação, da didática, das metodologias específicas e das disciplinas relacionadas às ciências da educação, atreladas às experiências pessoais e profissionais vividas, comporiam uma rede de saberes e fazeres que daria suporte à prática de formador[...]

Contribuindo sobre o assunto dando ênfase para a formação continuada Clementi (2005, p.56) acrescenta que:

Fica cada vez mais explicitada a necessidade de os profissionais se aprofundarem e estudarem para desenvolver um trabalho consciente e responsável. Constata-se, no entanto, que formação continuada do coordenador este dependendo mais de uma mobilização pessoal do que de um investimento por parte das escolas [...].

Corroborando esse pensamento segundo Nóvoa (2003 p.23) “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente” norteando a vida desses educadores e as constituindo na profissão.

Por meio da fala de P2, será abordado sob outra perspectiva a formação inicial e continuada, como se relata abaixo:

[...]se eu for considerar meu curso que é em educação física, contribui porque é uma licenciatura, mas não de maneira tão decisiva assim se essa formação inicial se refere a minha graduação, também porque é um licenciatura, mas não me deu tanto embasamento, eu agradeço a minha veia pedagógica há escola Normal(ENOP) no curso técnico em pedagogia na época não era graduação, era um curso de três anos, onde era bem específico[...] então eu acho que essa formação continuada técnica me deu subsídios pra tudo isso, um embasamento e também esse gosto pela docência, pela educação eu acho que adquiri lá. Isso me ajuda a lhe dá esses desafios, onde parte da minha formação me fez acreditar que as pessoas precisam ser motivadas pra poder realizar as coisas e que se elas quiserem o resto é só buscar. (CP2)

Cabe pontuar na fala da CP2, a contradição da sua área de formação que, mesmo sendo também uma licenciatura, não comporta o mesmo currículo do curso de Pedagogia, que deve ser um dos requisitos primordiais na execução do cargo. Mas a mesma no seu relato, diz que a sua veia pedagógica está ligada ao curso nível médio, como formação complementar, ressaltando a grande contribuição deste como parte de sua formação, como também pela dedicação e identificação que tem pela área atuada. Pegando eixo nessa fala Christov (2001, p. 138) contribui nesse debate enfocando que:

Muitos projetos de educação não reconhecem a formação inicial como *locus* de preparo para o exercício da profissão, porque não maioria das vezes foram expectadores da verdade científica apresentada por seus professores, sem serem provocados a questionar e a criar hipóteses para compreender as teorias e as realidades às quais se referiam.

Pautados na fala da autora, se faz necessário observar a teoricismo que ainda muitos docentes incorporam ao adentrarem sobre o assunto, colocando certo distanciamento do conhecimento e da prática que também estão envolvidas no ato de coordenar.

Neste aspecto as falas de P9, P11, P2 e P14, fazem uma diferenciação da teoria e da prática, sinalizando que as vivências no ambiente de ensino são bem diferentes das que encontram-se no campo teórico.

Ajuda de uma certa forma , só porque o que a gente ver na formação quando ela vai pra pratica ela se estende mais um pouco, porque o que a gente ver é tudo muito lindo é tudo da certo quando você vai realmente para a pratica você ver que você vai encontrar outras coisas que a teoria não vai lhe ajudar(rsrs) mas tudo isso vai com o tempo[...]eu participo também de congressos, o ultimo foi em Fortaleza, nesse foi trabalhado toda a parte tanto de planejamento de didática de metodologia mais as partes especificas, a parte do ser mesmo foi uma experiência muito boa, tá com três anos foi em 2012.[...](P9)

Ajuda. eu fiz pedagogia na universidade federal, como diz ai é tudo não é não entendeu o mais a gente aprende mais na pratica a gente recorre as leituras, recorremos aos amigos então, o nosso curso nos da muito suporte pra isso a gente estuda muito pedagogia as tendências pedagógicas, as áreas do conhecimento em si, as formas de aprendizagem dos alunos, as dificuldades de aprendizagem então isso tudo faz parte do nosso sistema como pedagogo ai agente aplica esse conhecimento, há eu cursei já faz um tem, mas a gente recorre o conhecimento fica novo a cada dia e a gente tem como acessa-lo. (CP11)

Com certeza (risos) mais ainda porque na verdade a pratica é diferente da teoria ne agente percebe quando a gente ta no ambiente universitário é um mundo diferente da pratica[...] como eu estou nessa função a 8 meses eu ainda não tivesse ainda essa experiência de passar por uma formação continuada, a formação que eu estou tendo é a minha pós graduação “ Educação nas Escolas de Tempo Integral” mas infelizmente ainda eu não tive ainda essa formação continuada especifico para coordenador. (CP12)

Além da minha formação que é em Pedagogia, a gente também tem a secretaria que dá um suporte muito bom em termo de orientação de como agir e lhe da com as situações na escola, a teoria dá um embasamento muito bom, mas a gente aprende mesmo é na pratica e com as orientações que a gente recebe é da secretaria e de seus auxiliares, do pessoal da secretaria e das coordenações da SEME eles estão sempre coma gente em reuniões em formação continuada a gente participa desses encontros pedagógicos e tudo isso da um suporte muito bom pra gente resolver os problemas do dia a dia na escola[...] Tanto no primeiro quanto no segundo semestre teve encontros organizados pela secretaria, inclusive agora no mês de novembro esta acontecendo a ultima formação para professores, e eu acredito que ainda vai ter para coordenador e professor no final do ano, pois a cada dois meses tem encontro sendo todos aqui em Picos, eles organizam por área por exemplo: historia e geografia, ensino religioso é arte e matemática, português e outra disciplina ciências, Eja eles organizam por núcleo ai cada um desses núcleos tem os seus coordenadores que vão dar essa formação continuada. (CP1)

Além da contribuição da formação inicial no aporte teórico, elas associam ao desenvolvimento de suas funções referências práticas construídas no campo de trabalho. A prática é, em comparação ao que se se concebe como teoria, um vetor e experiências importantes que crescem novas aprendizagens advindos da formação continuada desses profissionais. Almeida (2005, p.4) pontua que:

[...] a formação no âmbito do processo de desenvolvimento profissional dos professores decorre do entendimento de que a formação continua se processa como algo dinâmico, que vai além dos componentes técnicos e operativos normalmente impostos aos professores pelas autoridades competentes que não levam em conta a dimensão coletiva do trabalho docente e as suas práticas cotidianas. Essa contextualização também propicia um caráter mais orgânico às várias etapas formativas vividas pelo professorado, assegurando-lhes um caráter contínuo e progressivo.

Analisando o entendimento do caráter formativo e dinâmico da formação inicial e continuada, pautada pela autora como um meio de estar proporcionando as CP uma maneira permanente de reinventar-se, enquanto profissional, buscando novos modos para ajudar a lidar com seus desafios. Nesse viés, as falas de P7 e P15, abaixo transcritas, são ilustrativas:

Eu considero sim a minha formação tanto a acadêmica como a especialização ela tem ajudado bastante, as minhas dificuldades é que eu sinto que não me identifico agora é porque a coordenação pedagógica vem de pouco tempo, a do mais educação não já é uma experiência maior, de mais tempo então eu já me habituei já aprendi varias outras formas de lhe dá, mas a pedagógica não é como se fosse um desafio inicial que to começando que são os primeiros momentos ainda eu acredito que um cargo desse dentro da educação a gente leva de dois a três anos pra saber aquele norte e saber por onde ir se habituar[...] Fiz uma especialização em Gestão Escolar, foi um experiência boa foi um aprendizado grande[...] ai eu passei a estudar por conta própria e procurando conhecimentos a partir do momento que eu entrei na coordenação por que tem muita coisa que a gente não vê ali, que no dia a dia a gente vai se deparando com as dificuldades que precisa buscar e pesquisar para aprender[...]. (CP7)

Com certeza me ajuda bastante, porque em muitas vezes me faz ver o lado do outro aquilo que o outro está vivendo[...] a minha formação e a minha especialização me permite entender isso ne, as vezes a gente se irrita pelo fato de já saber como se controlar e de como ver o outro então eu já procuro baixar a guarda tentar conversar de uma outra forma exemplificar, levar de um outro jeito, e a gente vai procurando resolver[...] as vezes chamamos os pais, porque na maioria das vezes só vem as mães, ai a gente procura conversar mostra o que está acontecendo ne, pedir apoio, ajuda, a gente também disponibiliza dizendo se eles tiverem com alguma dificuldade e quiser conversar [...] venha até a escola[...] para conhecer a gente e o nosso trabalho. (CP15)

Mesmo que as formações das coordenadoras mencionadas desencadearam-se em áreas diferentes, ambas desvelam a importância desta, no desenvolver de suas práticas, bem como das dificuldades encontradas nas situações rotineiras do seu campo de atuação.

3.5.6 Principais saberes do coordenador pedagógico

Iremos pontuar nessa categoria os saberes pedagógicos destacados pelas entrevistas, como sendo estes importantes para seus conhecimentos, como também para o uso de suas práticas, como relatam abaixo:

Existe muitos saberes[...], que são necessários para fazer um bom trabalho na coordenação pedagógica, eu não sei se eu conseguiria elencar quais são os saberes mais importantes para a coordenação, eu acho que um deles é conseguir ter um bom relacionamento com a equipe. Ter um coordenador autoritário que determina e que não houve a sua equipe, provavelmente a equipe não vai ter bons resultados em colaborar e contribuir, um corpo docente não deve ser um cumpridor de tarefas, deve ser idealizador de algo e ter o trabalho pedagógico como uma missão. Se o meu grupo de professores não sonha comigo em realizar aquilo não vai funcionar porque ele vai receber uma tarefa e vai sentir só o peso de cumprir aquela tarefa então eu acho que um dos saberes é essa gestão democrática onde também o professor é um idealizador do que se faz na escola. Ter assim uma gestão democrática onde ele participa, onde pensa junto onde ele deseja realizar e não só cumprir a tarefa, apesar do coordenador organizar e articular, mas sempre com a contribuição do corpo docente na hora da idealização.[...] Muitas vezes a escola se preocupa só com a formação acadêmica do aluno e esquece do outro pilar que é aprender a ser, a conviver e nós damos uma tenção especial a essa parte porque se nossos alunos vem de famílias carentes, veem de situações bem complicadas[...] Há 10 anos que trabalho aqui e tenho exemplos vivos de que quando a gente não transforma aquele aluno num doutor, mas transformamos em um cidadão, porque ele era um projeto, um traficante sem potencial e transforma ele em um cidadão de bem eu acho que todo trabalho valeu a pena, [...] então a gente precisa aprender a ensinar e ensinar a aprender proporcionando oportunidade de aprender a ser, a conviver pra então nascer esse desejo de querer conhecer os conteúdos e adquirir esse conhecimento (CP2)

Na fala da CP, são elencados diversos aspectos considerados por ela, importantes no saber-fazer de um coordenador, enfatizando que um deles destina-se as relações construídas dentro do ambiente de trabalho, onde envolva um espírito colaborativo, neste mesmo pensar Lima e Santos (2007, p. 79) destaca que:

O saber-fazer parte de uma concepção sensível da realidade, onde figura como o mais importante a possibilidade de se trabalhar a intervenção pedagógica pela necessidade do grupo, pela identificação das manifestações que impactam mais e de forma significativa estudantes professores, não necessariamente somente causa prazer no clima organizacional da escola, mas promove a reflexão, o desafio, a significação da trajetória histórica em que vivem desta, numa contextualização social, da qual a escola não está à margem.

Tudo isso se faz pertinente no desenvolver das ações do coordenador pedagógico, pois a partir das vivencias e das interações que são disseminadas no ambiente escolar, que se vai adquirindo toda uma reflexão das suas práticas desenvolvidas e consequentemente seus saberes. Nessa mesma direção elencamos nas falas das entrevistas abaixo:

Além do saber ser saber fazer, do saber conviver, saber contornar, saber conquistar você também tem que saber interagir, o saber articular, as vezes numa situação de conflito você tem que criar uma situação para reverter o quadro(CP3).

Todo saber é importante, principalmente quando se trata de educação e desenvolvimento dos alunos. O coordenador passa a ser um misto de tudo para atender prontamente a todas as necessidades. E como se ele precisasse ter um jogo de cintura ou uma varinha mágica para lhe dar bem com todas as situações sejam elas curriculares, disciplinares, comportamentais, etc (CP5)

Como o coordenador ele serve como elo, eu acho que o diálogo e a melhor atividade, melhor saber que o coordenador precisa abraçar, como ele serve como esse elo com o aluno, professor e a comunidade escolar, o dialogo sempre vai ser crítico porque ele sempre vai ter que saber receber as críticas na hora certa e vai saber se impor no momento certo, então o dialogo vai ser o melhor entrosamento para o pedagogo onde ele vai saber melhor quando ele e aberto ao diálogo(CP1).

Conhecimento, informações, bom relacionamento, domínio, compromisso e acima de tudo humanidade(CP6)

Nas falas das CP consideram que os saberes são um conjunto de aspectos que precisam estar interligados para poder se ter um melhor desenvolvimento das ações desenvolvidas pelo próprio relacionados tanto á questões burocráticas quanto á questões rotineiras que acontecem no dia a dia, salientado pela CP5, que se precisa ter uma varinha mágica para poder contornar os problemas que se deparam com a função de coordenador. Corroborando com essa fala Rossi (2006, p. 68) enfoca que o coordenador pedagógico “esforça-se por unir, desafiar e fabricar, com fios separados e heterogêneos, um tecido escolar, comunitário e social, coerente e unido, em meios de conflitos, oposições, negociações e acordos.”

Ainda vislumbrando os aspectos citados, se imagina uma variedade de conflitos onde o coordenador deverá dispor de todo um aparato de conhecimentos e estratégias para está desfazendo “os nós” e manter um ambiente de cordialidade e colaborativo em todas as dimensões que a escola se encontra interna e externamente. Associando aos depoimentos das CP, quando falam:

Eu acho que os saberes eles estão ligados a tudo aquilo que você vai fazer, então você tem que saber como utilizar certo, não existe uma maneira e uma forma, você busca se atualizar porque nos temos assim, lá da secretaria de educação a gente recebe um manual dizendo quais são as suas atribuições: o coordenador é pra fazer isso e isso mas eu não procuro a me limitar a isso, pra mim o que importa é desenvolvimento da escola, eu não estou visando só o meu bem estar, o meu desenvolvimento pessoal, eu trabalho num grupo então eu quero que meu grupo cresça, então eu tenho que ir além das minhas atribuições, as vezes eu tenho que ir buscar num aluno, num professor pra ver se de repente ele solta aquilo que ele sabe fazer aqui no colégio eu classifico como a minha segunda família ne sempre que a gente tem um problema a gente se junta procura ajudar, mas quando chego assim meio calada eles perguntam logo o que aconteceu? Está sentindo alguma coisa? aqui a gente não se liga apenas na sua atividade, na sua função, a gente procura expandi de uma forma conjunta, a gente não costuma dizer o diretor faz isso, o diretor adjunto faz isso, o coordenador faz isso... nós somos um grupo, procuramos expor nossas ideias, ouvir as ideias dos outros e pôr em prática. De repente a gente está no planejamento e alguém lança uma ideia dizendo: olha pessoal eu trabalhei isso

assim na minha sala e foi maravilhoso, então assim muitas vezes não só os professores, mas nós que trabalhamos na coordenação da escola, digo poxa pois isso aqui é maravilhoso porque não adaptar aqui porque não trazer pra cá, então assim a gente não se limita apenas na nossa função, busca se expandir, quando adoce alguém da cantina a diretora corre pra cantina, eu corro pra lá pra ajudar na merenda, aqui a gente sempre procura fazer um pouco de tudo não se limita apenas aquilo que fazemos(CP15).

Eu acho que o saber além de você conhecer do assunto[...] ele deve lhe dá com a família com os pais, como deve trabalhar com os educandos e também encontrar estratégias buscar conhecimentos pra desenvolver melhor essa parte burocrática desde algum projeto relacionado a algum projeto pedagógico[...] (CP4).

Sem dúvida os saberes pedagógicos é importante para que você compreenda todo o processo pedagógico, como acontece e compreender os mecanismos de ensino para que você possa interferir nesse processo, mas como eu coloquei potencialmente a dimensão humana [...] é um dos aspectos que não tem como ficar de fora do processo de ensino, temos que ter com conhecimento sim que a gente aprende na universidade de psicologia, pedagógico, mas sem dúvida a dimensão humana é indispensável(CP11).

Nos relatos das CP, o ato de coordenar se torna um saber/fazer que abraça todas as causas que acontecem no interior da escola, não limitando apenas as atividades que lhe são atribuídas, onde as mesmas buscam novas estratégias para estar contribuindo no desenvolver da escola e nas várias dimensões que esta comporta. Diante disto fazemos referência a Tardif (2004, p. 38) quando discorre que:

São os saberes que resultam do próprio exercício da atividade profissional dos professores. Esses saberes são produzidos pelos docentes por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. Nesse sentido, “incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser”.

Além dos saberes ligados à experiência coletiva e individual, citados pela a autora, nas falas de outras CP, no seu ponto de vista entende que os saberes estão relacionados também a formação do professor, ao planejamento e as experiências adquiridas em sala de aula, como descrevem abaixo:

Os saberes é como eu já falei em primeiro lugar ter formação a gente sabe né, que as escola do município não se faz concurso, não se faz uma seleção um teste seletivo, nada pra se escolher um coordenador pedagógico, o coordenador pedagógico é indicação política né, não querendo julgar dizendo que são todos mas na maioria das vezes esse coordenador não tem essa função necessária pra desenvolver essas atividades de coordenação pedagógica. Tem umas pessoas que tem um ensino superior mau feito e não é da área, mas como é questão de indicação política, a pessoa entra e fica e outra coisa também que acho assim fundamental é ter essa facilidade de lhe da com pessoas que como eu já disse não é fácil lhe dá com

opiniões diferentes, saber ouvir principalmente, saber respeitar opinião dos outros conversar bastante, ter essa facilidade de conversar e de dialogar com os educadores com os alunos, com os pais de alunos tem que ter todo esse conjunto, ou então não funciona não.(CP8)

Nos depoimento das CP8 e CP10, em meio que a um “desabafo” aborda como um dos principais saberes estão ligados á formação, visto que a mesma relata que na rede de ensino que atua o cargo de coordenador é indicado, não passando por nenhum teste ou prova seletiva, sendo este cargo ocupado por muitos profissionais sem experiência e sem formação na área, comprometendo o desenvolver desta função, nessa dimensão refletimos o quanto fica fragilizada a atuação do coordenador em casos como esse deixando a mercê as instituições que se encontram profissionais desse perfil , enquanto a sua atribuição profissional, sendo esta também considerada um saber indispensável para o coordenador pedagógico como acrescenta Perrenoud (2006, p. 186) ao refletir que o profissional mobiliza um capital de saberes, de saber-fazer e de saber ser que não estagnou, pelo contrário, cresce constantemente, acompanhando a experiência e, sobretudo, a reflexão sobre a experiência [...]

Com outra percepção do saber pedagógico as CP12, CP13, CP7 e CP10, atribuem a este uma dimensão voltada para o planejamento, organização, os saberes de cunho afetivo e a sala de aula através das falas abaixo:

O primordial é saber planejar, eu acho que eu além de coordenadora eu sou professora e se eu não tiver um planejamento eu não consigo desenvolver a minha via particular ne e principalmente na função que eu exerço, a educação não se da sem o planejamento se não existe um planejamento não existe educação porque ai sendo aleatório sabe vai fazer aleatório, como se uma coisa perdida e quando a gente vai para a pratica para a sala de aula o aluno por a idade menor que ele tenha, ele percebe se o professor tem ou não um planejamento se a escola tem ou não porque uma escola onde abrange mais de 500 alunos se ela não tiver um acompanhamento desde a direção pedagógica até o professor é a gente percebe a desorganização o aluno não vê o ambiente escolar como um lugar agradável e aconchegante(CP12).

Saberes inerentes a formação pedagógica, tais como: plano de curso, plano de aula, plana de disciplina, PPP (Projeto político pedagógico) etc; bem como saberes de cunho moral e afetivo; tais como: saber ser, saber ter, saber fazer etc(CP13).

Os saberes mais importante, o principal de todos é conhecer a rotina da sala de aula, esse é um saber que todo coordenador deve ter e conhecer os conteúdos é conhecer exatamente isso a rotina de um professor, eu acho acredito pra que você seja um bom coordenador pedagógico antes você tem que ser um bom professor. Então esse é o principal saber se você sabe ser um bom professor você vai saber ser um coordenador porque você vai saber a necessidade de uma sala de aula e a formação acadêmica também as especializações quando você vai aprender a teoria, mas o que te leva mesmo a ser um bom coordenador é a pratica dentro da coordenação pedagógica.(CP7)

Os saberes mais importantes, sem sombra de dúvidas são os que aprendemos dentro da sala de aula. Acredito que ser coordenador sem ter experiência da docência é muito mais complicado de se manter a função com discernimento e organização (CP10).

Em todos os depoimentos as CP, relacionam há uma série de fatores que se interligam no desenvolver das ações pedagógicas, levando em consideração aspectos relevantes para o desempenhar da função direcionado ao planejamento, planos burocráticos, experiência na docência ligados á sua prática em sala de aula. Diante disto:

[...] Da diferenciação entre saber e conhecimento emerge a importância do saber pedagógico – enquanto saber construído pelo professor no exercício da docência – como elemento que contribui para uma nova leitura da (des)qualificação docente, pois mostra a atividade do professor como uma atividade que demanda uma capacidade que vai além da execução, uma atividade de grande relevância na condução do processo educacional que vise a um ensino de qualidade. Como fase do desenvolvimento do conhecimento, o saber pedagógico, enquanto expressão da atividade do professor, indica o nível da práxis em que se situa[...] possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento (AZZI, 2005, p. 43-44).

Assim, a construção dos saberes designados ao coordenador pedagógico, está constantemente implicado a docência e nas suas práticas, onde através as atividades desenvolvidas, vai se construindo um norteamento no trilhas das suas ações, proporcionando assim uma reflexão mais aguçada de seus fazeres nos desdobramentos do seu papel modificado ao longo do tempo como: inspetor, orientador, supervisor e por fim coordenador, função esta que requer afinidade, competência, poder de interação dentre os diversos aspectos pessoais e profissionais atribuídos ao cargo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas páginas, estão pautadas de forma sucinta, as considerações finais sobre percurso trilhado para se chegar ao objetivo de investigar a relação entre fazeres e saberes que constituem o perfil do coordenador pedagógico, considerando as demandas e desafios da educação básica e as competências necessárias às práticas pedagógicas de coordenação.

Por pontuar vários aspectos relacionados ao contexto da coordenação pedagógica, enfocamos aspectos considerados relevantes para serem pontuados e discutidos, com o intuito de se construir um melhor embasamento da presente pesquisa. A investigação empírica partiu de questionários semiestruturados que permitiram conhecer o perfil profissional dos entrevistados, bem como a definição de sua função, o relatar do seu cotidiano, os desafios encontrados na sua prática estreitando estas relações com a sua formação inicial e continuada embrincando os saberes considerados mais importantes para o desenvolvimento da sua prática.

Procuramos tecer no decorrer do trabalho um contexto histórico que situa a problemática no campo das políticas formativas, com o intuito de estar englobando partes importantes a serem mencionadas ao longo da história da coordenação pedagógica e das várias facetas que esta se encontra imersa, no tocante do seu contexto histórico e do curso de Pedagogia, por dispor de requisitos curriculares dentro do curso que contemplam as habilidades profissionais para o cargo.

E perceptível nos depoimentos que a ação de coordenar, em seus diversos fatores, é um campo amplo de conflitos, incertezas, frustrações das práticas que envolvem esse cargo como um emaranhado de funções que, por vezes, leva ao desconhecimento do real sentido do trabalho do coordenador, focalizando apenas no professor e no aluno, como se fosse um auxiliar do professor no processo de ensinar.

Apesar dos empasses encontrados na sua profissão, como também no espaço escolar que atuam, as coordenadoras pedagógicas, no tanger das suas atribuições, estão sempre buscando desenvolver projetos na escola, procurando aperfeiçoar-se como profissional, não limitando apenas as formações oferecidas pelo sistema de ensino, mas tentando sempre atualizar-se com o intuito de estar trazendo para a escola novas práticas de ensino, novos métodos para se trabalhar com a equipe gestora para que desenvolvam, em conjunto e de forma participativa e eficaz, o ensino-aprendizagem de qualidade.

Diante do exposto, é pertinente pensar que o papel de coordenador é recheado de lacunas que precisam ser preenchidas, mas esse desdobramento depende de todo um aparato

de renovação de princípios teórico-metodológicos e reestruturação funcional dessa profissão, para se chegar a um melhor desempenho dos cargos de coordenação, iniciando por ter uma melhor qualificação dos cursos de licenciatura em Pedagogia, como também das formações continuadas e das especializações destinadas à essa área de ensino. Desse modo, a coordenação pode corresponder mais efetivamente aos desafios da educação básica elencados ao longo do texto, com base em políticas e programas que possam estar dando um suporte contínuo as suas práticas educacionais tanto para a sua atuação como para a sua qualificação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (Org.) **Afetividade e aprendizagem: contribuições da teoria walloniana**. São Paulo: Loyola, 2003. 176 p.

ALMEIDA, M. I, Formação contínua de professores. In: BRASIL. MEC. Salto para o futuro. TV Escola. **Formação contínua de professores**. Boletim, n. 12, ago. 2005.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. et al. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939**. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto.lei:1939-04-04;1190>> acessado em 25 set. 2015.

_____. **Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm> acesso em 15 ago 2015.

_____. Brasília, lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm> acesso em 02 de mai. de 2015.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia. **Resolução nº1 de 15 de maio de 2006**. Brasília: MEC, 2006.

_____. Parecer nº 252/69. In: **Currículos Mínimos dos cursos de graduação**. 4 ed. Conselho Federal de Educação, Brasília, 1981.

_____. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692/71**, de 20 de dezembro 1971.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Currículos e Educação Integral**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

_____. Instituto brasileiro de geografia e estatística- IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. acesso em 10 set 2015.

_____. Regimento interno. **Secretaria Municipal de Educação- SEME** 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1979. 226p.

_____. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARTMAN, T. S. **Administração: Construindo vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998. 539 p.

BASSO, C. R. et al. Coordenador pedagógico: **limites e desafios no contexto escolar**. In: Seminário UNIOESTE 2007. Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Pratica/PDF/14%20Prat.%20Jo%C3%A3o%20Carlos.pdf>> acesso em 20 out 2015.

BRUNO, E. B.; ABREU, L. C. O coordenador pedagógico e a questão do fracasso escolar. In: ALMEIDA, L. R.; PLACO, V. N. (Orgs). **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: ED Loyola, 2007.

CLEMENTI, N. A voz dos outros e a nossa voz. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (orgs.). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
CONTRERAS, D. J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CHRISTOV, L. H. S. **Sabedorias do coordenador pedagógico: enredos do interpessoal e de (com) ciências na escola**. São Paulo, SP. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 161 p. 2001

DE ROSSI, V. L. S. Coordenador pedagógico: tecelão do projeto político-pedagógico. In: VICENTINI A. A. F. et al. **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos**. Campinas: Gráfica FE, p. 59-72, 2006.

DOMINGUES. I. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. 1.ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, 2002.

ENGUIITA, M. F. O Discurso da Qualidade e a Qualidade do Discurso. Em: GENTILI, P. A. A.; Silva, T. T. (orgs.) **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação - Visões Críticas**. Petrópolis, RJ: Vozes: p. 93-110, 1994.

FERNANDES, M. J. S. **Problematizando o trabalho do professor coordenador pedagógico nas escolas públicas paulistas**. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara, 2004.

FERREIRA, N. S. C. (Coord.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FONSECA, J.P. **Projeto Pedagógico: processo e produto na construção coletiva do sucesso escolar**. São Paulo/SP: Jornal da APASE. Secretaria da Educação. São Paulo. SP. Ano II – Nº. 03, 2001.

FRANCO, M. A. R. S. Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos. In: PIMENTA, S. G. (org.) 1996. **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FUSARI, J. C. **A educação do educador em serviço: treinamento de professores em questão**. São Paulo. Dissertação de mestrado em Filosofia da Educação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

GEGLIO, P.C. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. In: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L.R. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 3 ed. São Paulo, Edições Loyola, cp.9, p. 113-120, 2005.

GENTILI, P. Qual educação para qual cidadania? Reflexões sobre a formação do sujeito democrático. In: **Seminário internacional de reestruturação curricular: Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 143-156, 2000.

GRUNDY, S. **Producto o práxis dl curriculum**. Madri: Morata, 1991.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. São Paulo: Cortez, 2002.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Formação de Professores: Texto e Contexto**. Belo Horizonte: Autentica, 2007, 142 p.

LEÃO, A. C. **Introdução à Administração Escolar**. 3. ed. São Paulo: Companhia. Editora Nacional, 1953.

LIBANEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e pratica**. 5 ed. Goiânia: MF livros, 2008.

_____. **Organização e gestão da escola: Teoria e prática**. 4 ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

LIBANEO, J. C .Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, G. P.; SANTOS, S. M. **O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas**. Revista de educação, v. 2, nº 4, p. 77-90, 2007.

LUCK, H. **A gestão participativa na escola**. 11 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARAFON, M. R. C.; MACHADO, V. L. C. **Contribuição do Pedagogo e da Pedagogia para Formação Escolar – Pesquisa e Crítica**. Campinas, SP: editora Alínea, 2005.

MINAYO, M. C. de S. [et al.] (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M.C, **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

NÓVOA, A. **Escola nova. A revista do Professor**. Ed. Abril. 2002, p,23.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 15-33.

NOGUEIRA, V.S. **O papel do coordenador pedagógico**. Colunista Brasil Escola. Disponível em: <<http://pedagogia.brasilecola.com/trabalho-docente/opapel-coordenador-pedagogico.htm>> Acessado em: 27 dez 2016.

OLIVEIRA, D. A. (org.). **Reformas Educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PARO, V. H. **Administração Escolar – Introdução Crítica**. São Paulo: Cortez, 2001. In: reunião anual da ANPED .. Caxambu, MG: ANPED, 2005.

PERRENOUD, P. **Ofício do aluno e sentido do trabalho escolar**. Portugal: Porto São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

PIRES, E. D. P. B. **A prática do coordenador pedagógico-limites e perspectivas**. Dissertação, (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PIMENTA, S. G. **O pedagogo na escola pública**. São Paulo: Loyola, 1988.

PIMENTA, S. G. **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011. PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.15-34.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 263 p.

RANGEL, M. Supervisão: do sonho à ação – uma prática em transformação. In: FERREIRA, N. S. C. **Supervisão Educacional: para uma escola de qualidade**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 123.

SARMENTO, M. L. M.; FOSSATTIN, D. A ação supervisora e a gestão do bem estar na docência. In: RANGEL, M. (Org). **Supervisão e gestão na escola: conceitos e práticas e mediação**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2013.

SEVERO, J. L. R.L. **Marcos regulatórios das políticas curriculares do curso de pedagogia no Brasil (1939-2006): tramas históricas da (des)configuração da pedagogia**. In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “história, sociedade e educação no brasil” **Anais**

Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, p. 1017-1039, 2012.

SILVA, C. S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 152 p.

SOUZA, V. L. T. O coordenador pedagógico e o atendimento a diversidade. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** São Paulo: Loyola, 2003.

THIMOTEO, F. E. P. **A Avaliação da Educação Básica: uma análise qualitativa dos instrumentos contextuais** do SAEB. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da FGV/EAESP, Área de Concentração: Transformação do Estado e Políticas Públicas, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org). **Projeto político pedagógico da escola da escola: uma construção possível.** Campinas: Papirus, 1995.

_____. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

VICENTINI, A. A. et al. **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos.** São Paulo: Cortez, 1993. 173p.

WOODS, P. **Investigar a arte de ensinar.** Porto: Porto Editora, 1996. 224 p.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Fernanda Oliveira Sousa,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Processos de atuação do coordenador pedagógico em
desempios de excelência: Relações entre valores e práticas pedagógicas
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 01 de Agosto de 2016

Fernanda Oliveira Sousa
Assinatura

Fernanda Oliveira Sousa
Assinatura

APÊNDICE

Instrumento para coleta de dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

*P*rezado(a) Coordenador(a),

Este instrumento se destina à coleta de dados para realização de uma pesquisa sobre Coordenação Pedagógica. A pesquisa é desenvolvida como parte da formação no curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia (CSHNB/UFPI), sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Rolim Severo. A mesma dará origem a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que buscará refletir e construir alternativas para a melhoria dos processos de coordenação a fim de que a escola conquiste maior qualidade e cumpra, de modo mais efetivo, com sua finalidade social. Para isso, contamos com sua colaboração no sentido de responder a uma entrevista, nos fornecendo informações que serão usadas exclusivamente para fins de pesquisa, sendo que sua identidade pessoal será preservada em todas as partes do processo.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos e nos comprometemos que, ao término das pesquisas, nos disponibilizaremos para apresentar feedbacks quanto às nossas conclusões e alternativas encontradas.

Obrigado por sua colaboração.

Fernanda Oliveira
(Acadêmica do curso de Pedagogia – UFPI/CSHBN)

Prof. Dr. Leonardo Rolim Severo
(Orientador)

Informações para contato:

Prof. Dr. Leonardo Rolim Severo
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Universidade Federal do Piauí
Avenida Cícero Eduardo, s/n. Junco. Picos – PI. CEP: 60647675.
Telefone: (89) 3422-4207 Celular: (83) 99905-2556
E-mail: leonardosevero@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Sujeito Nº.:

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS JUNTO A COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Bloco 1 – Dados de identificação

Idade:

Sexo: () Masculino () Feminino

Há quanto tempo em que atua na escola?

Há quanto tempo em que atua como coordenador pedagógico?

Qual o tipo de vínculo empregatício que você mantém na instituição ou no sistema de ensino em que atua como coordenador? () Temporário () Efetivo

Qual a sua formação profissional:

Licenciatura: _____

Especialização: _____

Mestrado: _____

Você exerce outras atividades profissionais além de ser coordenador pedagógico?

() Não () Sim – Quais? _____

Bloco 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1- Na sua opinião, quais as palavras-chave que definem a função do coordenador pedagógico na escola?
- 2- Fale-me um pouco sobre o seu dia a dia como coordenador pedagógico na escola.
- 3- Você se identifica com o trabalho de coordenador? Em uma escala de 0 a 10, qual o seu nível de satisfação com essa função?
- 4- Quais os principais desafios encontrados no trabalho de coordenador pedagógico?
- 5- Você considera que sua formação inicial lhe ajuda a lidar com esses desafios?
- 6- Na sua opinião, quais os saberes mais importantes para a coordenação pedagógica?
- 7- Você já participou de formação continuada para coordenador pedagógico. Conte um pouco mais de sua experiência (como e onde foram)?
- 8- Como se organiza sua rotina de trabalho na coordenação pedagógica com os professores, comunidade e gestores? Descreva suas ações.